

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Nóvembro/Dezembro de 1984

Nº.s 11/12

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

MÓVEIS ROSSMARK S.A.

ARTUR FOUQUET

JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE

PAUL FRITZ KUEHNRIECH

CASAS BUERGER

IMOBILIÁRIA D. L.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Novembro/Dezembro de 1984.

Nº.s 11/12

SUMÁRIO

Página

"O FARC DA RAPCSA". admirável trabalho de um batalhador em benefício de muitos	318
O Espírito Comunitário	319
CONTESTADO, gratidão a Blumenau	320
Os grandes lances pela posse de terras na antiga Colônia Blumenau	322
Enéas Athanázio: Medalha do Mérito Literário	331
O Paú	334
Emigrantes Italianos de 1876	336
Autores Catarinenses	341
Casa Husadel uma tradição de 87 anos	343
Falecimento de Alfredo Campos enlutou Blumenau	345
São Pedro de Alcântara: Sesquicentenário da imigração	346
A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes	349
TIRO DE GUERRA NR. 174 de Rio do Sul	357
Aconteceu	361

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 10.000,00

Número avulso Cr\$ 1.000,00 -- Atrasado Cr\$ 1.500,00

Ass. p/o exterior Cr\$ 15.000,00 mais o porte Cr\$ 5.000,00 total Cr\$ 20.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

"O FARO DA RAPOSA". admirável trabalho de um batalhador em benefício de muitos

Do aplaudido crítico literário catarinense e emérito professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Lauro Junkes, recebemos, devidamente autografado o livro sob o título "O Faro da Raposa". Trata-se de um trabalho estafante do autor e inteiramente dedicado àqueles que, através da poesia, do conto ou do romance, estiveram presentes nas letras catarinenses durante o ano de 1982.

O livro de Lauro Junkes (O Livro Catarinense em 1982), segundo o subtítulo, é uma edição do próprio autor que assim, não contou com a colaboração de uma editora que lhe amenizasse o peso do seu trabalho e especialmente os gastos que teve para compor, à custa de mimeógrafos, as 112 páginas. São páginas, todas elas, de valor inestimável e que beneficiam mais de quarenta autores catarinenses nos vários campos da literatura.

Não fosse a dedicação admirável deste trabalho isolado de um homem que só tem desenvolvido ação de estímulo aos que procuram com esforço e dedicação desenvolver seus trabalhos dentro da comunidade literária catarinense e poucos, muito poucos daqueles que estão arrolados neste livro com críticas construtivas que é a característica de Lauro Junkes, teriam tido a oportunidade de surgir aos olhos e ao julgamento dos leitores por tomarem conhecimento de suas obras. É isso o que acontece com o trabalho deste aplaudido crítico literário catarinense.

O que não podemos é atinar com as razões que impedem que Lauro Junkes seja insistentemente procurado pelas editoras catarinenses para publicarem obras tão importantes em favor da nossa literatura como é o caso de "O Faro da Raposa".

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", que tem procurado, dentro dos poucos recursos que lhe têm sido colocados ao seu alcance, apoiar, incentivar, os autores que lhe batem à porta, editando suas obras quase que pelo preço de custo, valendo-se de sua gráfica artesanal, não pode, ao manusear a obra valiosa de Lauro Junkes, editada por ele mesmo à custa de um seu trabalho datilográfico individual, deixar de colocar-se à sua disposição para, unindo esforços, procurar editar, com o carinho que seus trabalhos merecem, tudo o que, doravante for elaborado para as edições vindouras.

Os recursos financeiros? Para obras de tal importância, o trabalho estafante de um batalhador em benefício de tantos, sempre haverá quem reconheça como dever auxiliar, como até aqui tem acontecido com esta Fundação.

(J. Gonçalves)

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

O ESPÍRITO COMUNITÁRIO

Nemésio Heusi

O maravilhoso livro "TEORIA Z" do professor William Ouchi, já na sua 8ª. edição, é uma profunda lição comunitária, não só empresarial como, sobretudo, social, porque analisa e estuda as origens comunitárias a partir das raízes familiares e seus sólidos efeitos, que nascem na intimidade dos lares familiares japoneses, tornando a sociedade oriental, um campo fértil e saudável, donde brotou o milagre industrial e comercial japonês, do após guerra. Aliás, o Ocidente tem muito que aprender com a TEORIA Z, que aponta e ilustra com exemplos edificantes, os caminhos seguros do desenvolvimento e sucesso, do universo dos negócios, que muito ajudarão a resolvermos as tremendas dificuldades que vivemos, num mundo que está se transformando e se reduzindo, a uma ilha de apuros, apertos e crises sociais, econômicas e políticas, por todos os lados, nos desafiando perigosamente, onde a fome vem se alastrando por toda a terra.

Vejam os um pouquinho do que diz o professor Ouchi sobre a ação comunitária para sentirmos a profundidade de seu livro extraordinário: — "Há muito tempo os sociólogos tem sustentado que a intimidade é um ingrediente, essencial de uma sociedade saudável. Uma vez que a intimidade em uma sociedade começa a se desintegrar, o processo se auto-alimenta. As pessoas que não desenvolvem um senso de responsabilidade comunitária em um ambiente perderão seu senso geral de comunidade. Uma sociedade que perde a sua capacidade de intimidade em uma geração irá produzir filhos que terão um senso de comunidade cada vez mais reduzido. No final, seremos um monte de pó de indivíduos sem ligações uns com os outros, conforme disse o sociólogo George Hermans."

Muito a propósito, durante vários anos estudei e analisei sob muitos ângulos e aspectos sociais, a vida do Dr. Blumenau, para justificar a sua "teimosia" de fundar uma colônia alemã no sertão brasileiro.

Agora que acabei de ler a TEORIA Z, do professor Ouchi, encontrei muitas das respostas para a teoria do Dr. Blumenau, quanto a sua colonização.

Já em 1850, portanto, há 134 anos, data da fundação de Blumenau, o Dr. Blumenau trazia consigo todo o espírito comunitário da TEORIA que teimava em aplicá-la mesmo depois de inúmeras tentativas frustradas, ele nunca desistiu de aplicar sua teoria comunitária, porque era o conteúdo de todo o seu ideal colonizador, que estava em jogo, e ele, jamais, deixaria de pô-lo em prática, como seu sonho maior.

Sempre foi seu propósito e firme desejo deslocar os imigrantes alemães de suas origens germânicas, acompanhados de todas as suas famílias, ele sonhava, — aqui vou fazer uma imagem simbólica se possível, arrancar as árvores genealógicas das famílias de seus imigrantes alemães, com raízes e tudo, para transplantá-las em sua colônia no ser-

tão brasileiro, que acabou se fixando no interior catarinense, as margens do magestoso Itajaí-açu. Era seu propósito isolá-los no sertão brasileiro, de forma que, transferisse os lares completos, não só com todas as intimidades familiares, como sobretudo, com suas origens étnicas, para que a sua colônia fosse uma extensão dos lares que viviam lá na Alemanha e aqui se transformasse numa "Pequena Alemanha".

Tudo isso ele queria porque sabia que se não ferisse a estrutura familiar, que lhe daria a solidez do espírito comunitário, para enfrentar as grandes lutas das adaptações territoriais e climáticas, que eram o ponto de partida mais difícil de sua colonização, já que os colonos tinham que enfrentar o choque da civilização em que viviam na Europa, com as agruras e dificuldades do sertão brasileiro, que era o seu maior desafio de colonizador.

Foi este espírito comunitário, nascido no Brasil há 134 anos, trazido no coração e na alma do Dr. Blumenau, que foi a causa e efeito da sua extraordinária experiência colonizadora, que ele lutou contra uma série interminável de dificuldades, que foram vencidas uma a uma, paulatina e pacientemente, porque o seu ideal comunitário dava-lhe força para que o seu propósito colonizador, se transformasse na grande realidade do seu sonho maior, de converter a sua colônia, isolada no interior do sertão catarinense, na magestosa Blumenau de nossos dias, que se adaptou e transformou, na mais linda, próspera e mais brasileira, de todas as cidades brasileiras.

Falta agora que a fúria do seu rio possa ser contida ou controlada, em face do alto nível técnico a que chegou a engenharia fluvial brasileira. Para tal basta, tão somente, que o Governo Federal, passe das promessas, as realizações, que é o maior desejo da sofrida gente blumenauense, com as enchentes.

CONTESTADO GRATIDÃO A BLUMENAU

Ao se completarem os 70 anos do incêndio jagunço de Curitibaanos, uma palavra de gratidão se faz necessária à população de Blumenau.

Desde que se intensificara o movimento fanático em 1914, a população civil curitibanense viu-se na contingência de, ou tomar parte no conflito, lutando contra os jagunços, ou fugindo para outros municípios ou Estados.

A população da Vila de Curitibaanos, e em grande parte da Cidade de Lages, preocupada com a segurança das famílias, emigrou para baixo da Serra Geral, buscando asilo em meio às populações alemãs e italianas do Vale do Itajaí.

É preciso reconhecer, a caridade que nossa gente encontrou da

parte daquele povo, tão diferente, em língua e costumes, de nós.

Entenderam eles de imediato, que não se tratava de uma hora da jagunça, e deram de empréstimo suas terras, roupas e viveres, para aqueles que embora tendo tudo, forçados pelas circunstâncias, abandonaram bens e moradias, trocando-os pelo sossego, e quem sabe, a salvação da vida. Assim, desceram a Serra, milhares de pessoas, a cavalo, carregando alguns poucos pertences que cabiam nas "bruecas". As crianças na garupa, em bandos intermináveis, arranchavam-se os coitados, ora em Pombinhas, ora no Pouso Redondo, ora no Aquidaban, hoje Apiúna, ora chegando até Blumenau. E aí se arrumavam como podiam, alguns em barracas, outros em galpões, outros em pequenas casas alugadas, ou em casas de conhecidos.

E somente dois meses depois, quando a Coluna Sul, comandada pelo Cel. Francisco Raul de Estilac Leal, por lá passou, vindo do Rio de Janeiro, com uma força de mais de 1.000 homens, rumo a Curitiba, nossos moradores, aproveitando a proteção da mesma, retornaram a seus lares.

Não é preciso repetir, da tristeza e da angústia, ao ver a Vila semi-destruída, casas arrombadas, cercas queimadas, pertences pessoais e documentos jogados na lama... e o desespero do prejuízo e da dor. Mas, como o "Serrano" sempre foi um homem forte a reconstrução, embora lenta, teve início ali mesmo. Uma família, porém, ficou lá por mais de um ano. Foi a minha, e por motivo de doença.

E desde então, Blumenau tornou-se a nossa primeira Capital. Para lá, continuavam ocorrendo nossos valentes tropeiros. Para lá iam, com grandes dificuldades pelas condições precárias da estrada, nossos jovens, procurando instrução e educação melhor no Colégio Santo Antônio. Para lá se dirigiam os que precisavam fazer compras de objetos finos, louça importada e jóias. Para lá se dirigiam nossos doentes, acolhendo-se, já antes de chegarem nos Hotéis, no "ELIZABET HOSPITAL".

E o curitibanense aprendeu a respeitar aqueles letrados em alemão, os quais procuravam traduzir, com o auxílio dos habitantes. E quando lá chegavam, depois de terem passado a roupa a ferro, acorriam ao Foto Baungharten, para se retratarem por um bom fotógrafo. Ou então, como fez nossa mãe, Auricelia Quadros de Andrade Lemos, ainda não contente de voltar a Blumenau, na sua viagem de núpcias, dirigiu-se com papai, o escrivão Romário de Oliveira Lemos, até Itajaí, para que ela pudesse conhecer o mar, e experimentar um pouquinho daquela água salgada... quando a viagem lhe pareceu tão doce, dela deixando linda fotografia.

Obrigada pois a Blumenau. Obrigada a Pombinhas, obrigada a Pouso Redondo, obrigada a Lontras e Apiúna, obrigada a nossa primeira Capital.

(Transcrito do jornal A SEMANA - Curitiba - SC - 13-19/10/84).

Zélia A. Lemos

Os grandes lances pela posse de terras na antiga Colônia Blumenau

CARTA DO DR. BLUMENAU AO PRESIDENTE
DA PROVÍNCIA CONSELHEIRO VICENTE PIRES DA MOTTA,
INFORMANDO QUE AS TERRAS REQUERIDAS PELO SR.
SCHADRACK E DEMAIS SUPPLICANTES NÃO SÃO
PROPRIAMENTE DEVOLUTAS

“Tendo a honra, de devolver à V. Ex. os inclusos requerimentos e a representação de Schadrack, que os acompanhava, cabe-me o dever, de acompanhá-los das seguintes informações:

As terras pedidas não são propriamente ditas devolutas e sim parte integrante do território desta colônia, sujeito a regulamento especial, se não forem de propriedade particular, como, até há breve, parecia. Deveriam pois no meu ver ser vendidas em conformidade com o mesmo regulamento e por esta direção. Tendo eu por diferentes vezes manifestado à V. Ex. a minha modesta opinião, de que a colonização na localidade em questão e em outras diferentes, atualmente, é pouco conveniente e contraria alguns tanto os planos do Governo Imperial, de promover sobretudo o estabelecimento de uma comunicação não interrompida desta colônia como a de Dona Francisca, persiste ainda hoje na mesma opinião. Como porém de outro lado também parece conveniente, não dar lugar a que a malevolência se sirva da firmeza, com que até agora se continuava na exe-

cução daqueles planos, de pretexto para agredir, caluniar e desacreditar esta colônia no público alemão, ousou repetir à V. E. a proposta de um meio termo, que, se dificulta algum tanto o estabelecimento em tais localidades, contudo não o torna interamente impossível ou vedado.

Rogo portanto a V. Ex. licença, para vender também terras em localidades, cuja colonização atualmente ainda não for muito conveniente e não entrar nos planos até agora seguidos, conforme o regulamento, mas debaixo das seguintes modificações:

1º. Não será vendido terra alguma a crédito e o preço desde logo deve ser pago integralmente.

2º. Os compradores se devem obrigar por termo a estabelecer, cada um na sua sorte e na direção, que lhe for marcada como mais conveniente pelo Diretor, e a conservar em estado caminhos e pontes regulares e transitáveis para cavalos e gado ou para cavalheiros. Estes caminhos e pontes devem ser feitos dentro do prazo de 6 meses da data da ven-

da e esta não será considerada como inteiramente concluída nem o competente título entregue, enquanto aquela condição não for satisfatoriamente cumprida.

3º. No mesmo termo os compradores renunciam a qualquer presente ou futura reclamação a respeito de meios de comunicação, até que a localidade em questão fique regularmente colonizada e entre no plano geral, sujeitando-se este ao regulamento da colônia, como todos os demais moradores da mesma.

4º. Os compradores não têm direito algum e renunciam a pedir subvenção ou as diárias, que se dão aos colonos necessitados.

Estas condições não são tão onerosas para impedirem o estabelecimento em tais localidades de quem possui alguns fundos ou o tornarem demasiadamente difíceis, mas não hão de desviar do plano geral a grande massa dos emigrados, como infalivelmente havia de acontecer, se as tais terras ficavam colonizadas em pé inteiramente igual, como as demais.

Passando agora à representação de Schadrack, e as mentiras e maliciosas alusões nela inseridas, tenho em primeiro lugar a dizer, que, em tanto que aquele não tem em mira senão o sucessivo interesse pecuniário, eu não defendo senão o do Estado e da colonização, prejudicando ainda desta vez como em diferentes ocasiões anteriores, os meus interesses particulares e pecuniários e possa provar esta asserção com fatos.

Quanto crédito merece Schadrack no que alega V. Ex. poderá julgar da seguinte análise:

Carlos Peneder, um dos su-

plicantes, segundo Schadrack, já não poderá acomodar o seu gado e se viu forçado, a vender parte dele, por ser seu terreno muito estreito; — o homem possui 8 ou 9 cabeças de gado entre grandes e pequenos, vender uma velha caíva por já não lhe servir e não cultivar ainda a terra, e provavelmente nem ainda a 4ª. ou 5ª. parte das suas 50.000 braças. Prestando-se este excelentemente e em grande parte à cultura do arado, o homem não move a mão, apesar de possuir os fundos para a adoção deste grande melhoramento, para se aproveitar de tão favoráveis circunstâncias. O que quer, é comprar terras, a braça a 2 réis, e vendê-las logo a 10 cu deixar de fazê-las, apesar de não ter filhos e só duas filhas.

Dos outros requerentes, Schadrack diz, que vieram há pouco da Europa e estão a espera das suas famílias, a verdade é que:

Frederico Riemer se acha aqui desde uns dez anos por mais ou menos. É um rapaz ainda muito verde e trabalha com os agrimensores nas terras do seu pai.

Carlos Kühne é rapaz ainda mais verde que o seu tio, um honrado e diligente colono, que o mandara vir, o botou fora por malcriado e não quisera bem trabalhar.

Bauer, veio da Colônia Dª. Francisca, aonde foi bastante tempo, já possuía um bom terreno nesta colônia, que com luxo vendeu, e quer acaso repetir o experimento. De resto já pediu um outro terreno no Rio do Testo no caso de que não possa obtê-lo na Itoupava.

Henrique Mordhorst, solteiro, se acha aqui uns três anos. O que é certo, é, que nenhum dos

ditos suplicantes teria insistido na compra de terras na localidade em questão, se não fosse instigado pelo Schadrack e que, quanto me constam, nenhum só está na espera de sua família, sendo todos solteiros. Também tenho muito boas razões em acreditar, que aí nenhum ou talvez um deles se haja de ativar desta colônia. É isto uma ameaça, já tantas vezes repetida, que é usada e já não produz efeito. E ainda se um ou outro caprichoso se retirar, o que pelo motivo alegado, as vezes acontece, isto não pode ser motivo, para abandonar um sistema e planos, que até agora se evidenciaram como bem apropriados e de favorável successo.

É fastidioso, com tais exposições cansar a paciência e roubar o precioso tempo de V. Ex., e vou acabar.

No meu ver não é conveniente no estado em que ainda se acha a colonização nesta parte,

deixar campo livre aos abutres, que se chamam impropriamente, como fez Schadrack, "capitalistas industriais" e haja negativa influência já muito prejudicou e continua a prejudicar a colônia D^a. Francisca, abundando os relatórios do Barão de Tshudi, embaixador da Suíça de Dr. Lallemand e outros em observações repressoras sobre o nocivo efeito, que as especulações em terras exerceram sobre o progresso e a florescência daquela colônia.

Mas V. Ex. decidirá, o que for mais acertado.

Deus guarde a V. Ex. — Col.

Blumenau,

28 de junho de 1862.

Ilmo. e Exmo. Sr.

Conselheiro Vicente Pires da Motta

DD. Presidente da Província

etc. etc. etc.

O Diretor

Dr. H. Blumenau".

* *

ABAIXO ASSINADO DE C. W. E. SCHADRACK PARA O PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DE SANTA CATARINA, COMUNICANDO ENTREGA DE REQUERIMENTOS DE COLONOS QUE SE PROPUSERAM A COMPRAR TERRAS DEVOLUTAS SITUADAS NO RIBEIRÃO DA ITOUPAVA, SENDO QUE ESTES REQUERIMENTOS FORAM INDEFERIDOS DEVIDO A INFORMAÇÕES DADAS PELO DR. BLUMENAU. TECE AINDA CRÍTICAS CONTRA O DR. BLUMENAU E COMENTA SEUS PLANOS NAS TERRAS QUE REQUEREU.

"Ilmo. e Exmo. Sr. Presidente da Província

Informa o Sr. Diretor da Colônia Blumenau Palácio do Governo Província de Santa Catarina, em 3 de junho de 1862.

O abaixo assinado há pouco tinha a honra de entregar à V. Ex., os requerimentos de quatro colonos da Colônia Blumenau, em que os mesmos propuseram com-

prar terras devolutas situadas no ribeirão da Itoupava (sic Toipava) afluente do Rio Itajai Grande. Esses requerimentos tendo sido indeferidos em consequência da informação dada pelo diretor da dita colônia, o abaixo assinado, portador de outros cinco requerimentos relativos à terras devolutas situadas na mesma localidade, toma a ousadia de acompanhá-los de algumas reflexões, para se for possível, preservá-los da triste sorte de seus precessores.

O abaixo assinado em todo propôs e depois efetuou a compra de 500.000 braças quadradas de terras devolutas situadas de ambos os lados do ribeirão da Itoupava, com o fim de aí estabelecer um engenho de serrar madeira. Mandou derrubar 10.000 braças quadradas e construir uma casa, mas não tardou a convencer-se de que a empresa por ele projetada não podia dar lucro algum, enquanto ainda ambos os lados do ribeirão se estendem 1400 braças de mata virgem, entre as terras do abaixo assinado e o estabelecimento mais vizinho, o engenho de serrar do Sr. Carlos Sasse. As dificuldades enormes com que tem de lutar este, para conservar desobstruído o ribeirão, tornar-se-iam com efeito insuperáveis para um estabelecimento situado meia légua ribeirão acima.

Dirigindo-se por isso o abaixo assinado ao diretor da Colônia Blumenau, e pedindo, para que estabelecesse colonos naquele intervalo, responde-lhe este, que não podia fazer, por não saber se aquelas terras concedidas há anos ao Sr. Capitão Henrique Flores e por ele novamente con-

cedida a diferentes moradores do Rio Itajai, são ou não devolutas. Assim o abaixo assinado deixa de continuar na sua empresa e vai à Europa, para voltar em dois anos e ver se neste tempo se acha colonizado o terreno, que no estado em que está, terá quase todo o valor a sua propriedade.

Mas não é unicamente o interesse pessoal do abaixo assinado que o impede a falar em favor dos requerimentos hoje por ele apresentados à V. Ex. Ele na verdade não conhece as razões de certo mui valiosas, em que se baseia o diretor da Colônia Blumenau para dissuadir a venda do terreno em questão, que hoje se sabe, ser com efeito devoluto, mas os poucos argumentos que transpiraram na conservação do dito diretor com os suplicantes, parecem-lhe tão fracos, como justas as retensões dos suplicantes: — Um dos suplicantes, o Sr. Peneder, possui há 7 ou 8 anos um lote de terras com cem braças de frente na margem do Rio Itajai, terreno este que por ser muito estreito, hoje já não chega para o gado do homem, extremamente laborioso, que já se viu forçado a vender parte dele por este motivo. Foi pois propor ao diretor da Colônia Blumenau a compra de 250 braças de frente no ribeirão Itoupava (sic/Toipava), e este lhe respondeu, que só lhas venderia, depois de ter vendido o lote que atualmente possui!!! — A outros disse o mesmo diretor, que por ora o Governo não queria colonizar a Itoupava (Toipava), e sim previamente o Rio Testo para estabelecer-se uma comunicação entre as colônias Blumenau e D. Francisca. Ora, o ribeirão da Itoupava (Toipava) correndo em

direção paralela a do Rio Testo, parece que a sua colonização não contrariará aquele plano do Governo. Além disso, cinco suplicantes iriam para o Rio Testo, se não lhes forem vendidas as terras que propõem comprar na Itoupava (sic Toipava). O Sr. Peneder ficaria no Rio Itajaí e os outros quatro vindos a pouco da Europa sem auxílio do Governo e estando agora a espera de suas famílias, retirar-se-iam de uma colônia de uma província, onde não puderam comprar com seu dinheiro as terras; que lhes parecem mais convenientes e sim unicamente aquelas que lhes forem outorgadas pelo bel prazer de um diretor caprichoso. Igualmente o abaixo assinado ver-se-ia forçado a retirar-se definitivamente se o capricho diretorial do Sr. Dr. Blumenau continuar a teimar-se contra a colonização da Itoupava (sic Toipava).

Pouco importará sem dúvida, retirarem-se da província ou do Império cinco ou seis famílias;

mas contudo em vez de gastar contos e contos com o estabelecimento de mendigos e aventureiros iludidos pelas promessas fabulosas dos Srs. Steinmann e seus semelhantes, e de pagar diretores para afugentar das colônias, como repetidas vezes o tem feito, os capitães que aí podiam procurar um emprego, vendem-se; — seria talvez mais prudente e econômico atrair a imigração espontânea de capitalistas inteligentes e industriais, o que só se conseguirá, vendendo, como com tanto sucesso se tem praticado nos Estados Unidos, a cada um quantas terras ele quizer, no lugar por ele mesmo escolhido.

Sirvam estas nossas observações para predispor à V. Ex. em favor dos requerimentos que fui incumbido à apresentar-lhe.

Deus guarde a V. Ex.

Desterro 3 de junho de 1862

C.W.E. Schadrach

Ao Diretor da Colônia Blumenau em 3 de junho”.

Despachado em 17 de junho”.

* *

CARTA DO DR. BLUMENAU AO CONSELHEIRO VICENTE PIRES DA MOTTA, FOCALIZANDO SUA PREOCUPAÇÃO EM PRESERVAR AS TERRAS PERTENCENTES À COLÔNIA, QUE AINDA NÃO ESTÃO SENDO OCUPADAS E É FRUTO DE INTERESSES DE ESPECULADORES.

CITA O CASO DO SR. SCHADRACH, QUE REQUEREU TERRAS COM ESTE OBJETIVO.

“Ilmo. e Exmo. Sr.

O ilustre Dr. Antônio da Costa Pinto Silva, que desde ano de 1855, em que como Fiscal da extinta Repartição Geral das Terras Públicas redigiu o meu contrato com o Governo Imperial, me honrou de suas inegáveis simpatias

e não cessou de me prodigalizar os seus bons ofícios, animando-me nas calamidades, por que passei e assistindo-me perante as supremas autoridades do país, com que tive de tratar, me favoreceu como de um viativo, quando pela derradeira vez, faz dois anos, dele

me despedia entre outros amigáveis conselhos, apropriados à minha nova situação de Diretor e empregado do Governo Imperial, também com a advertência, de me dirigir com confiança e particular ou confidencialmente a primeira autoridade da Província, logo que me pareciam perigar os verdadeiros interesses da obra, a que havia dedicado e continuava a dedicar minha vida e forças.

Julgando eu no presente momento seriamente ameaçados estes interesses, ousou aproveitar-me daquele conselho e mui respeitosamente solicitar a benévola atenção e se tanto me for permitido o poderoso apoio de V. Ex. para diferentes assuntos, que convergem à esta colônia. Pretendia, apresentar à V. Ex. uma memória sobre estes assuntos, mas sabendo, quanto é precioso o tempo de V. Ex., reservo a exposição mais ampla e vocal para quando terei a honra de me apresentar pessoalmente à V. Ex., o que pretendo efetuar no mês que vem.

O assunto, que desde muito mais me ocupa e inquieta e ao mesmo tempo me causa muitos desgostos, intrigas e hostilidades, sem que contudo fique abalada a minha firmeza e fé nos princípios que desde três lustros confesso e procuro realizar, é a conservação do território desta colônia e sertão adjacente para a colonização regular, sistemática e diretamente dependente do Governo Imperial, e a luta que continuamente tenho a sustentar contra os assaltos de uma onda de grandes e pe-

quenos especuladores em terras, que fazem os possíveis esforços, para arrancar um pedaço após outro deste território e assim se enriquecer às custas do Governo como do bem geral. Para alcançarem o seu fim, os tais especuladores empregam toda a vasta de artificios e empenhos e muitas vezes até não recuam diante de expediente mal honestos, para enganarem as autoridades superiores o subrepticamente obterem o despacho da Presidência, prodigalizando ainda quaisquer promessas de exigirem grandes estabelecimentos rurais ou industriais, de construírem caminhos etc, etc. E como os preços, estabelecidos pelo regulamento desta colônia e proporcionados à boa ou má qualidade e situação das terras, não lhe fazem conta, nem tão pouco, a se sujeitarem ao plano geral da colonização desta parte, adaptado pelo Governo, dirigem-se logo e com preterição da direção desta colônia, à Presidência, para impetrarem a vil preço e sem ônus algum as melhores parcelas de terras.

Apesar da minha cautela não deixei de ficar por diferentes vezes vítima de tais artimanhas, e assim aconselhado, empreguei logo maior circunspeção; ao mesmo tempo a Presidência benevolente ordenou, que não fosse definitivamente despachado requerimento algum, que se referisse a compra de terras, sitas no Rio Itajaí, sem eu dar previamente a minha informação. Assim e só assim, resistindo eu com tenacida-

E. A. V. CATARINENSE

Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

de as diferentes situações e tentativas tanto como empreendedor particular como logo mais tarde na qualidade de diretor, foi possível reservar para a execução em grande escala de um bom plano de colonização regular e sistemática e pela disposição do Governo e complexo de idôneas terras, que hoje existe para este fim no Itajaí grande, sendo certo, que se eu tivesse cedido e me desviado da minha vereda e execução de tal plano atualmente havia de lutar com graves dificuldades além de ser dispendiosíssima! — Havia pois de ser sumariamente doloroso para mim, o que tenho reunido no decurso de anos com tantas custas e fadigas e por causa de que tenho afrontado tantas intrigas e hostilidades, ficasse dilacerado e inutilizado para o fim que tive em mira, e que é, de abrir a colonização um vasto e apropriado sistema e acerto e dirigida com probidade e consciência, e a mesma bem a de cobrir uma grande parte das despesas inerentes e não é o negócio tão curioso para a fazenda pública, como geralmente se acredita.

Um exemplo vivo de que avancei sobre especuladores é o Sr. Schadrach, que pretende apresentar-se com seus pedidos à V. Ex. e ao Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, como concludo de uma discussão, que acabo de ter com ele. Com o fim de impetrar da Presidência a compra de uma considerável porção de excelentes terras e uma favorável informação da minha parte, ele se comprometeu formalmente para comigo, de estabelecer-se efetiva e pessoalmente nas terras requeridas com lavoura e engenho de serrar madeira. Procurei, segun-

do minha consciência, dissuadi-lo de tal empresa e induzi-lo a comprar terras em outra localidade desta colônia e menor extensão, apresentando-lhe as dificuldades a vencer; mas insistindo ele e repetindo a sua formal promessa, de se estabelecer em toda e qualquer caso nas ditas terras, dei informação favorável e então lhe foi concedida a compra de 500 mil braças quadradas, que bem sabia escolher entre as melhores possíveis. Logo porém, que se achou na posse delas, não se lembrou mais de promessa alguma, e tudo o que fez na área adquirida, em que mui comodamente se podiam estabelecer 15 à 20 famílias, se restringiu a um derrubado e uma picada no mato, que lhe servia para chegar à mesma terra. Atualmente o Sr. Schadrach se acha a caminho para a Alemanha com sua família e não é a presumir, que volte tão breve, visto que é homem de fortuna e que além da referida terra, que não lhe pode ser furtada, não deixa coisa que valha a pena da volta.

Antes porém de partir, ele se lembrou, de que existindo caminhos e comunicações, etc; e achando-se cultivadas e habitadas as terras adjacentes as suas, naturalmente haviam de subir em valor e produzir na futura venda um lucro de uns 500 ou 600 por cento, na louvável intenção de conseguir tal resultado, ele fabricou ultimamente nesta capital uma porção de requerimentos, que todos foram assinados por um e mesmo morador da mesma e em que se requereu a compra de terras na mesma localidade. Tendo eu de informar estes requerimentos, apontei na minha resposta ao Sr. Dr. Delegado das

Terras ,1º., que as terras pedidas pertencem ao território desta colônia, sujeito a regulamento especial, e que por esta razão ac me u ver deveriam ser vendidas conforme o mesmo regulamento e por esta direção; 2º., que as vendas tanto nesta localidade como em diferentes outras, porém, no atual momento se tornam muito inconvenientes, porque atravessam o plano geral do Governo a respeito da colonização do Rio Itajaí grande e tornam quase impossível sua execução, sendo o fim deste plano, de ligar esta colônia por meio de boas estradas e séries não interrompidas de sítios cultivados, que se tem de estabelecer aos lados das mesmas, com a de D. Francisca e o sertão tudo devoluto e à disposição do governo e da sistemática colonização, que ali se estende para cima da serra; e finalmente 3º., que com suma probabilidade sob estes requerimentos se esconde uma outra nova especulação.

Declarando eu tudo isto mui francamente ao Sr. Schadrach na controvérsia, que com ele sustentei a respeito destes requerimentos, e ainda, que de certo seria mui incongruo, vender-se a alguns privilegiados a braça quadrada de terra na Itoupava a 2 réis, e meia légua distante, no rio de Testo, aos outros colonos em geral ao duplo e triplo, segundo o regulamento, e exprorando-lhe a sua falta de boa fé no cumprimento das formais promessas, que me havia feito, para conse-

guir a compra já efetuada, ele alegava, sem se lembrar das minhas advertências anteriores, feitas, quando se tratou de alcançar um favorável despacho da Presidência — que sem a assistência ou presença de vizinhos não podia fazer coisa alguma, que pretendia estabelecer um engenho de secar arroz e para este fim precisava de cultivadores do mesmo gênero na vizinhança; que um tal grande estabelecimento havia de produzir consideráveis vantagens, que eu bem podia deixar aos seus amigos a vantagem de um preço barato, visto que eles mesmos queriam fazer caminhos etc, etc; e enfim, que ele havia de representar à V. Ex. e, se necessário for, ao Governo Imperial.

Pode facilmente cair no laço, quem não conhecer as antecedências do Sr. Schadrach nesta colônia e não saber que a sua atividade quase unicamente se restringia a pequeninos negócios e barganha, não deixando ele com vestígio de sua presença nela nem sequer uma sofrível casinha, porque se contentou, apesar de ser homem de fortuna, de morar com sua jovem mulher e tenros filhos em miseráveis choupanas sem janelas. Para merecerem pois confiança às suas promessas, deveria apresentar alguma garantia mais real e sólida, do que sua palavra duvidosa, para não dizer falha, e era conveniente esperar em que primeiro volte da Alemanha e traga efetivamente as máquinas aperfeiçoadas, de que fala. E quanto

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

as promessas de fartura de caminhos etc por seus protegidos e ele mesmo há infalivelmente acontecer, o que já tantas vezes aconteceu: os interessados ou obrigados não hão de cumpri-las, se não forem constrangidos judicialmente, o que é quase inexequível e muito inconveniente; mas passados alguns anos, hão de clamar e queixar-se do abandono, em que jazem, hão de pedir uma boa estrada, sem contudo lembrar a promessa e o vil preço, por que obtiveram suas terras, e afinal das contas o Governo não poderá deixar e não deixará ainda também de carregar com esta despesa.

Sendo este, mais cedo ou mais tarde, mas infalivelmente o resultado final, porque não há colonização sem boas estradas, entendendo, que de resto é mais conveniente e faz mais esta ao Estado, tomar desde logo a si os encargos e gastos indispensáveis e colher também as frutas, que tais melhoramentos produzem, do que afinal ficar sempre com aqueles gastos e deixar estas vantagens a alguns especulantes. O valor da terra, que não tem boas comunicações é quase nenhum ou só nominal, entretanto que, sendo elas criadas, o valor é muito súbito e real — estabelecendo pois o Estado tais boas comunicações, não é senão razoável e equitativo, que cobra dos emigrados pelas suas terras um preço proporcionado e mais alto e que ele mesmo colha as frutas das suas despesas, partilhando-as com a grande massa dos emigrados, mas não as deixe comer por uns poucos astuciosos.

E ainda não é senão equitativo e razoável, que, fazendo o Estado grandes sacrificios, para vantajosamente arranjar os emigrados e proporcionar-lhes favores, os mesmos emigrados, para desfrutarem tais favores, se subordinem aos planos e vistas gerais do Governo a respeito da colonização. Aplicando-se isto ao caso concreto: a vantagem que o engenho de arroz, hoje ainda muito problemático do Sr. Schadrach, e o estabelecimento efetivo, mas hoje também ainda problemático dos seus protegidos no Ribeirão da Itoupava podem produzir, não é em proporção ao prejuízo, que se causa à colonização do Itajaí em geral se continuamente se admitem exceções e assim se torna sempre mais difícil e demorada a execução do grande desideratum: de alcançar quanto antes as terras acima da serra e estabelecer uma boa comunicação com elas e a colônia D. Francisca. Logo que este desideratum for alcançado, será tempo de principiar a colonização em outras partes adjacentes ou nas terras até então reservadas na vizinhança da beira-mar. Estes no entretanto hão de subir em valor e formam um precioso fundo, cuja realização, se for efetuada com consciência, circunspeção e economia, valiosamente poderá cooperar para cobrir uma boa parte da despesa feita com a colonização anterior e ainda a fazer com novas estradas.

Tendo já demasiadamente abusado da paciência de V. Ex., vou acabar.

Ficaria sobremaneira ditoso,

HABITASUL

É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

se as minhas idéias, a cuja realização dediquei as melhores forças e anos da minha vida, mereciam também a valiosa aprovação e proteção e o benévolo apoio de V. Ex., como tiveram a fortuna, de lográ-lo de outros distintos estadistas deste país e anelo o instante, em que V. Ex. se dignar de honrar esta olônia de uma visita.

Aproveito esta ocasião, para

apresentar à V. Ex. os protestos do meu profundo acatamento, com que tenho a honra de ser.

Colônia Blumenau.

19 de Maio de 1862.

O Diretor

Dr. H. Blumenau

Ilmo. e Exmo. Sr.

Conselheiro Vicente Pires da

Motta

etc. etc. etc

ENÉAS ATHANÁZIO: MEDALHA DO MÉRITO LITERÁRIO

A crítica literária encontra-se hoje em estágio de declínio e de descrédito. Não há mais espaço em nossos periódicos para as resenhas críticas (desapareceram os Suplementos Literários e Culturais). E talvez esse espaço tenha sido gradativamente subtraído porque, desde alguns lustros, nossa crítica enveredou cada vez mais para o tipo "universitário". As aspas indicam não tanto o nível superior, como a complexificação exagerada, a terminologia hermética, a abstratificação que acaba exigindo a concentração total no texto crítico, e não na obra em análise.

No entanto, a crítica e o crítico existem em função da obra e a serviço do leitor. Todo crítico é antes de mais nada um leitor — um leitor instrumentado, sim; um leitor que busca na obra mais do que um simples entretenimento descompromissado e inconseqüente, sim; mas sempre um leitor a serviço, um leitor que cultivou sua capacidade de percepção e sua fineza de sensibilidade; um leitor que tenha disponibilidade interior para perceber, aceitar, sentir e valorizar a obra na sua individualidade específica, sem preconceitos nem radicalismos; um leitor que seja mediador entre a obra e o público, entre a obra e seu autor, entre a obra, seu tempo e todos os tempos.

Se a arte (literária ou não) é comunicação, a crítica deve estar a serviço dessa comunicação, enriquecendo-a e facilitando-a. A criação literária busca explorar, e com razão, as potencialidades da expressão estética: a polissmia, a simbologia, a conotação, a ambigüidade, o mistério, a complexidade estrutural. A crítica, porém deverá evitar toda ambigüidade ou complexificação. Uma das falácias, um dos indícios da falência da crítica contemporânea consiste na mania de ostentar erudição e superioridade, revestindo a análise crítica de emaranhados complexos e de termos esdrúxulos, próprios a enredar o leitor. Nada mais inconseqüente. Crítica é revelação, é bus-

ca de clareza. A crítica analisa a obra, desvenda os subterfúgios do tema e os processos técnicos da composição, para abrir caminhos de leitura, de compreensão e de conseqüente valorização da riqueza artística envolvida na plurissignificação e simbologia da obra aberta que é toda autêntica obra de arte. Expressar-se com correção e utilizar terminologia técnica para tanto, convém à ciência literária. Complicar, porém, o que, por natureza, deve ser esclarecido, constitui contra-senso. Fazer crítica é estar a serviço, com simplicidade e técnica. Não é arrebeitar as atenções para si mesmo e sim concentrá-las na melhor leitura da obra em apreço. Eis o que nem sempre é fácil.

Esse arrazoado, que poderia prolongar-se ainda muito, brota-me espontaneamente ante a leitura do último livro de Enéas Athanázio — **A Pátina do Tempo** (Blumenau, Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1984). Tendo comemorado dez anos de criação literária no ano passado, Enéas está agora lançando seu décimo livro: quatro de contos e seis de ensaios.

Sobre a lídima expressão regionalista de seus contos, ambientados nos "gerais" catarinenses, já me pronunciei outras vezes. No momento, pretendo tecer algumas considerações sobre a sua face de ensaísta e crítico.

Enéas Athanázio, que dispõe de alta formação universitária e que tem exercido em várias localidades o magistério universitário, situa-se na antípoda da crítica "universitária". Seus vários ensaios literários, particularmente concentrados em três expressivos expoentes das letras pátrias — Lima Barreto, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel — primam pela simplicidade, pelo autêntico serviço prestado a esses autores e aos seus leitores. O ensaio de Enéas não tem a pretensão de superar os próprios méritos dos escritores, eclipsando-os, para ostentar seu próprio texto. Para Enéas, a crítica e o ensaio constituem caminhos, veredas a serem abertas nesse vasto e intrincado sertão da criatividade literária. Leitor instrumentado, e também escritor que é, denomina o manejo da palavra e das estruturas. Entretanto, seu ensaio resulta na expressão do pensamento claro e correto, buscando a melhor compreensão e valorização da obra ou do autor a que se refere.

Embora já tivesse dedicado monografias específicas a Monteiro Lobato e a Lima Barreto — **3 Dimensões de Lobato** e **O Mulato de Todos os Santos** — bem como retomado aspectos de suas vidas e obras em **Figuras e Lugares**, Enéas prossegue como incansável leitor e pesquisador desses ilustres homens de letras, dedicando ainda as páginas de **A Pátina do Tempo** a esclarecer outros tantos aspectos que nos incetivam para melhor compreensão da personalidade e da obra lobatiana e limana. Quem dera pudéssemos encontrar entre

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

nossos professores universitários ou entre os críticos literários alguma parcela desse entusiasmo e dessa dedicação que Enéas devota a esses escritores brasileiros, bem como a tantos autores catarinenses, que constantemente comenta e divulga. Arrogo-me, pois, o direito de instituir uma "Medalha de Mérito Limano-Lobatiana" e conferi-la a Enéas Athanázio pelos incontáveis benefícios que seus estudos têm proporcionado.

Em **A Pátina do Tempo**, Enéas prossegue na sua revisão bibliográfica minuciosa, clara e direta, informando os leitores, com simplicidade e critério crítico, sobre os ensaios, crônicas, artigos, análises e pronunciamentos que marcaram as comemorações dos centenários de nascimento de Lima Barreto e de Monteiro Lobato. Poucas são as teses de Mestrado ou de Doutorado que logram tal amplitude e segura orientação na revisão da literatura relacionada a determinado tema. Importante se torna ressaltar que Enéas desfaz, inclusive, diversos equívocos em que incorreram autores de trabalhos que se colocam em alto nível.

Prosseguindo no resgate dos valores do "Mulato de Todos os Santos", a quem a sorte se revelou tão avara, Enéas destaca, e com muita propriedade, a conferência de Gilberto Freyre, que detectou em Lima Barreto "O Machado de Assis dos pobres". Quanto ao "fazendeiro de Buquira", cuja "personalidade multifária e controvertida" sempre de novo é retomada, Enéas relembra ou faz conhecer, entre inúmeras outras facetas, o episódio amargo e marcante que Monteiro Lobato sofreu durante seus quatro meses de detenção, em 1941, por processo a que respondeu perante o Tribunal de Segurança Nacional, na sua luta pelo nosso petróleo. Revendo esse processo, Enéas o qualifica de "documento da prepotência humana".

Com esses vários artigos, revisões, comentários e análises, emparelhados aos muitos já anteriormente publicados, Enéas nos vai restituindo, com entusiasmo, carinho e conhecimento de causa, as personalidades humanas e literárias de Monteiro Lobato e Lima Barreto. O lema que parece tudo orientar é "conhecer para amar". Enéas recompõe a figura humana e social, as atitudes, comportamentos e tendências de seus "biografados", resalta sua aguda inteligência e sua visão de vanguarda, mas também reconhece seus rompantes, seus deslizos e suas frustrações, para dar-nos a conhecer primeiramente o homem, na sua condição individual e social, para, a partir desse conhecimento, podermos melhor avaliar sua inestimável produção literária. E todos os créditos a que fazem jus os ensaístas e críticos que se pronunciaram sobre os autores em pauta, Enéas faz questão de atribuir-lhos.

Enfim, é preciso desfazer uma observação de modéstia: à página 60, Enéas lamenta e se interroga por que o campo não aparece na literatura catarinense, aspirando a que "alguém utilize como palco de sua ficção o imenso tapete verde que a lavoura mecanizada está substituindo". De fato, esse tema telúrico-silvestre é riquíssimo e ainda quase inexplorado. Entretanto, a contística regionalista do próprio Enéas Athanázio tem suas raízes profunda e irremovivelmente penetra-

das nesse fascinante tema, impregnando-se desse húmus catarinense e configurando suas personagens a partir do homem do campo, do fazendeiro, do peão. O tema do campo já tem, pois, o seu grande cultor.

E a atitude aprendida com essas personagens da terra, sem afetação, e com essa temática autêntica, não sofisticada, estende-se ao Enéas ensaísta e crítico: um espírito de aguda penetração, sempre direto e simples no trato de pessoas e fatos literários. Enéas ensaísta é um autêntico leitor-mor, um lúcido mediador, uma inteligência privilegiada a serviço da causa alheia. É esse o mérito.

Lauro Junkes

O BAÚ

Alfredo Scottini

Aos vinte e sete de outubro, com um grupo de alunos do Curso Técnico em Contabilidade do Colégio Franciscano Santo Antônio fomos ao Morro do Baú. Um ônibus da Empresa Rainha nos levou graciosamente. Às nove horas da ensolarada manhã, adentramos às matas e nos regalamos com o canto dos pássaros. A subida lenta e absorvente despetalava conversas, falas históricas. Não se notava o tempo. A pouco e pouco vencemos a ladeira. Na metade da estrada ascendente, dobramos à esquerda e nos embrenhamos na selva. Mais aves sonorizavam a montanha. Em uma cascata tímida e escondida por entre rochas, enchemos os cantis. Sorvemos da água cristalina e alguém pousou para uma foto. Até que a pose traduzia intenções de artístico.

Nos momentos de maior dificuldade, todos se davam as mãos, a fim de que ninguém escorregasse e despencasse encosta abaixo. Havia espinhos. Pedras e troncos. Raízes. Não podíamos admitir baixas. Alguns se julgavam perdidos. Os corações palpitavam temerosos. Como chegar? Como voltar? Um litro reconfortante de leve mistura passava para aliviar o cansaço. Alegrava e retemperava as forças.

O Cláudio Souza tinha de ajudar a Adriane. Coitado! Os dois sucumbiam. Não tinham mais palavras para implorar socorro. O Dênio Alexandre não conseguia puxar a Anastácia e falava, falava... Ah se as palavras resolvessem. Para coroar o clímax da falta de rumo, o Dênio Alexandre subiu a um árvore e viu o Pico bem em frente.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Avançamos. Houve os campeões dos tombos. A Romy Schweder caiu tanto, que calejou os joelhos. De certa feita caiu em velho buraco de tatu. Tivemos de reforçar o auxílio para libertá-la. Engraçado foi o Marcos Simão. Levou um recipiente para conservar bebida geladinha e degustá-la no morro. Caiu... Caiu... Arreventou as cordas. Depois uma senhorita tombou em cima do envólucro. O jeito foi consumir tudo. Ninguém reclamou. Será que a donzela caiu por acaso? O James Luciani foi o que menos falou, mas olhou e viu tudo.

Após longas peripécias, chegamos ao final da estrada e iniciamos a ascensão da derradeira etapa. É preciso segurar-se nas pedras, nas raízes. Quem é mais firme vai na frente e estende a mão ao seguinte. De mão em mão, de pedra em pedra, fomos subindo. Quantas vezes paramos e tomamos água. Enfim... Enfim... Chegamos. Todos foram caindo sentados, estirados. Primeiro um aperitivo. Um pouco de água. Comentários. Histórias. Fatos. Reclamações. Aos poucos a comida foi silenciando a todos. Ouviam-se ruídos dos insetos e de famintos. A fome era muita e o esforço fora demasiado. Todos dividiam o que tinham e fraternalmente almoçou-se nas alturas.

Lá do alto contemplamos os vales e admiramos as praias. O mar deitava-se na linha do horizonte, branco-azulado. Preguiçoso e dormente. O binóculo o trazia para perto. Reinava a tranqüilidade da mata serena. Vozes de animais. Lá longe o homem queimava e esfumaçava. Que progresso será esse que tanto destrói? Houve tantos momentos. O Cláudio Lehn plantou um pinus. Quem sabe, um dia, o filho dele vá até lá conhecer o marco do pai. As irmãs Weiers não paravam quietas um minuto e a Tânia Schroeder fotografou os excursionistas e as paisagens. Trouxe imagens sublimes. A Jaqueline Duwe apresentou-nos o pseudo-irmão. De fato, no mato todos somos ilustres filhos de Adão, donde irmãos.

Aos poucos, viemos descendo. Para baixo todos os santos ajudam, mas também empurram. E viemos devagar, conversando, perscrutando os vegetais, ouvindo as vozes da floresta. Paramos, sentados nos troncos contando novidades. Bebemos nas muitas fontes. Nos passos cansados já brotava a saudade do que deixávamos atrás de nós. Logo paramos no jardim das bromélias. A natureza mostra que com tão pouco é possível criar uma obra de arte. As cascatas murmurejantes no viço das árvores.

Tomamos o que sobrara do vinho. Todos tinham algo a liquidar. As dezesseis horas e quinze minutos partimos de volta. Um casal, de maior, esqueceu a hora e por votação unânime foi deixado lá. Tomou o ônibus de carreira às 20hs. Num grupo o horário é essencial. Nos olhares refluíam as imagens da natureza. Todos falavam, mas escondiam os sonhos da mata no fundo do coração. E nos sonhos e no sono cansado de todos deve ter perpassado o sopro das árvores e soado o pipilar das aves. Ficou em nossa mente o gosto da mata e o aroma da terra. Um dia, retornaremos, porque o homem é parte da natureza e nela se completa. Logo retornaremos.

Novembro/1984.

Emigrantes Italianos de 1876

Histórica mensagem de adeus, em 25 de março de 1876

José E. Finardi

Antes de sua unificação, a península itálica, estava seccionada em reinos, condados, ducados e repúblicas. As idéias nacionalistas de uma Itália unida, surgidas depois da dominação, se intensificaram no início do século XIX, manifestando-se através de sucessivos e sempre dominados movimentos insurrecionistas contra o domínio do Império Áustro-Úngaro.

A primeira vitória da campanha iniciada em 1820, só foi alcançada em 1851, com a revolta do Piemonte — centro das lutas liberais — quando então foi anexada a Lombardia. Em 1860, sob o estandarte de Victor Emmanuel II, então Rei do Piemonte, a campanha lograva a anexação da Toscana e da Emilia-Romanha, seguida de parte dos Estados Pontifícios e o Reino das Duas Sicílias, alcançadas nesse mesmo ano, o comando de Giuseppe Garibaldi. Em 1866, foi a vez da Veneza, completando-se a unificação de 1870, com a conquista de Roma, ao domínio Papal.

A unificação, entretanto, ao invés de dar solução aos graves problemas sócio-econômicos resultantes de séculos de lutas e guerras sangrentas, internas e externas, veio agravá-las.

A economia era então dependente de uns poucos industriais e de muitos latifundiários, não ensejando perspectivas propícias à revogação dos esquemas antiquados dos grandes proprietários feudais com títulos hereditários de posse de terras e dos camponeses que trabalhavam.

Não se vislumbravam, assim, a curto prazo melhoramentos aos problemas econômicos da classe pobre, esta quase na miséria, especialmente a classe agrícola, cujos camponeses, sem terra, eram forçados a trabalhar nas terras dos ricos proprietários, a baixos salários, até por menos de 1 lira diária deixando-os em condições de subsistência sempre mais precárias.

Outra não era a situação dos camponeses pequenos proprietários, os quais, devido a sucessivas más colheitas, tiveram sua situação econômica tão piorada a ponto de não poderem subsistir. Cada ano havia a lamentar alguma desgraça: chuvas torrenciais da primavera ou secas intermináveis prejudicavam a colheita de cereais, tornando a vida uma verdadeira luta.

A fome a rondar suas famílias, sem empregos, mesmo na Áustria, Suíça e Alemanha que, na época absorviam a mão-de-obra ociosa na Itália, os agricultores só viam uma possibilidade e uma única

solução — emigrar — em busca de outras terras onde os esquemas sócio-econômicos vigente não fossem tão dispares quanto na Itália.

Justamente a essa época, o Governo Imperial do Brasil, visando, entre outras razões, inclusive estratégicas, — a ocupação da imensa área vazia entre o Litoral e o Planalto, com o conseqüente aumento da produção agrícola, — resolveu incrementar a imigração, assinando diversos contratos com particulares, destacando-se em nossa região o de 1850, celebrado com o Dr. Hermann Blumenau e o do ano de 1874, 30 de junho, com o Comendador Joaquim Caetano Pinto Júnior. Neste último, o contratado se obrigava a “importar” 100.000 agricultores europeus, no prazo de 10 anos, percebendo por imigrante que embarcasse, a quantia de Rs. 125\$000 se adulto e a metade, se menor de 12 anos.

Para execução desse contrato, o Comendador estabeleceu bem montada Organização, com escritórios em diversas cidades importantes do Norte da Itália, onde seus agentes, mais conhecidos por “**corretores da imigração**” e pejorativamente por “**negreiros da imigração**”, desenvolveram intensa quão mentirosa propaganda, até com montagens fotográficas falsas, difundindo profusamente boletins, com distorcidas notícias, evidentemente exageradas sobre as incontáveis riquezas do Brasil, mais particularmente sobre a Colônia Blumenau.

Com a esperança alimentada de promessas de vantagens mirabolantes, os agricultores aliciados, um dia, deixavam a aldeia natal e se dirigiam ao porto de embarque, rumo ao desconhecido, não antes de ouvir a missa e receber a bênção do Sacerdote que, no ensejo, proferia comovente homilia de despedida aos emigrantes que partiam repassada de paternais conselhos e orientação moral e religiosa a serem observadas nas longínquas e desconhecidas terras para onde se dirigiam em busca de melhor sorte para si e suas famílias.

É esse histórico sermão, constante de nosso arquivo, proferido pelo Padre Antônio Fontana, no longínquo 25 de março de 1876, véspera da partida de uma leva de emigrantes italianos, ou seja há 108 anos atrás, que a seguir consignamos, em tradução nossa, rigorosamente literal:

LEMBRANÇAS — para os Emigrantes — 25 de março de 1876

No ato em que uma parte deste meu dileto rebanho abandona, com grande coragem e desprazer, a própria pátria afim de mudar-se para longínquas plagas, a procura de melhor sorte, não posso deixar de dirigir-lhe ao menos poucas mas alentadoras palavras que brotam espontaneamente deste meu pobre coração que deseja, em igual proporção, todo bem embora como a menor entre as suas recordações.

O objeto destas minhas palavras não é só a fortuna material, visto que a todos desejo felicidade, porque para falar disso não seria aqui o lugar e nem mesmo o poderia fazer, por não ter conhecimento de causa, tratando-se de tão distantes e por mim desconheci-

das regiões e melhor valha em vós e em mim, o desejo e a esperança, as quais forem realizadas, vós certamente não podeis ir a mal, — mas o meu escopo são os assuntos da alma, daquela alma imortal que abandonando este corpo, também além mar, deve apresentar-se perante ao seu Deus para ser julgada e ter o seu lugar na eternidade.

Escutai, portanto, vos rogo caríssimos, estas palavras deste vosso Pastor, que talvez serão as últimas que ouvirão de sua boca; procurai guardá-las em caracteres indeléveis, no fundo de vosso coração e desde lá do Oceano, rememora-las como conselhos de um pai que daria aos próprios filhos no leito de sua partida. Mas, ouvi-as também vós que aqui permaneceis e não lhes serão inúteis, porque alimento para a alma e palavras de vida eterna.

Vós, portanto, talvez obrigados por imperiosas circunstâncias, vos afastais deste meu rebanho, mas ouvi, ó caríssimos: Eu vos recomendo especialmente três coisas. Recomendo-vos a vossa **FÉ**; a vossa **ALMA** e os vossos **FILHOS**.

I — A FÉ

Recomendo-vos a vossa Fé, que é, sem dúvida, o mais precioso tesouro que na vossa pobreza levais convosco, e lembrai-vos que sem ela vós não podeis agradar a Deus. Conservai esta Fé, pura e incontaminada, nestes tempos de ateismos e de incredulidade, que é a Fé de nossos pais, de nossos lugares, de nossa pátria desde quase os tempos dos Apóstolos. Se as circunstâncias vos levarem a ter que conviver misturados com pessoas de outras religiões, vos peço, por caridade, não as copieis, não adotais os erros deles, qualquer que seja o aspecto plausível para quem não é instruído e entendido em teologia. Cuidai-vos a propósito, do perigo quase inerente a quem convive em mistura, quero dizer, do indiferentismo religioso, fazendo-vos crer que cada religião é boa para salvar-se, embora se observe, porque isto é um erro condenado pela nossa Santa Mãe infalível, a Igreja. Para nós, ó irmãos, fora desta religião não poderemos esperar salvação. A respeito deste assunto de religião, jamais discutís com quem quer que seja porque talvez não tendes estudo suficiente, e portanto, a discussão ordinariamente não converte jamais a ninguém. Vós, ao contrário, rogai ao Senhor, a semelhança dos Apóstolos: "Domine ad auge in nobis fidem" — Senhor, conservai, antes aumentai em nós a Fé. A respeito da conservação da Fé, deveis imitar como fazem os Santos a prudência da serpente, a qual procura sempre colocar a salvo a pró-

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

pria cabeça, não cuidando realmente do restante do corpo. Simbolo da fé do verdadeiro crente: Salvar-se — confirmar-se na fé à custa de qualquer sacrificio.

II — A ALMA

Em segundo lugar vos recomendo a Alma. Não basta a Fé para salvar vossa alma, mas se tornam necessárias as boas obras. A fé, diz o Apóstolo São Paulo, sem as obras é morta; é como um corpo sem alma, isto é, um cadáver à espera da sepultura. Estas boas obras consistem na observância dos divinos Mandamentos. Àquele jovem do Evangelho, que certo dia interrogava Jesus Cristo, o que deveria fazer para salvar-se, foi-lhe respondido pelo Divino Redentor: "Observa mandata" — observa os seus mandamentos. Mas aqui seria por demais longo analisar a lei de Deus durante minutos, para deduzir-se os vossos deveres. Contentai-vos, assim, de serdes chefes e por isto: 1º. Não deixais jamais passar um dia sem orações, sem preces — coisa abençoada seria que, ao menos à noite, se rezasse em conjunto com vossas famílias.

Oh! quantas graças espirituais, talvez também temporais, cairão sobre vós por tão santo exercício! Lembrai-vos, ó irmãos, que nenhum adulto se salva sem a prece. 2º. Não saiam jamais de vossa boca, blasfêmias. As brásfêmias são a linguagem do inferno, ao qual por certo não desejais pertencer. Façam uma santa convenção entre vós, de poder advertir, admoestar e se for depois necessário, xingar àquele que faltasse a este dever, e cumprir escrupulosamente a esta convenção sem respeitos humanos. 3º. Santificai as festas do Senhor, se quizerdes ter salvação. Nos dias de festas não insisti em trabalhar fazer antes orações de costume. E se por falta de sacerdotes não tendes funções litúrgicas, uní-vos todavia, possivelmente a oferecer ao Senhor qualquer pública prece, isto é, o Terço, as Ladainhas, a Via Crucis, etc. Oh, então, no meio de vós tereis o Sumo Sacerdote Jesus Cristo, que vos escuta e vos consola. Ele o tem prometido. 4º. — Filhos, dispensai amor, respeito e obediência aos vossos pais, se quizerdes ter fartura nesta vida e o Paraíso na outra. Não aflijais os progenitores com vossos comportamentos, mas com eles confortai-os até que se vão para o túmulo com tais confortos. 5. Benquerência e se for possível beneficência para com vosso próximo. Também os pretos ou qualquer que seja a cor, são nossos irmãos, nosso próximo, são imagens de Deus. Especialmente para vós Compatriotas, se tiverdes a ventura de morar vizinhos, amai-vos, socorrei-vos, ajudai-vos, consolai-vos à porfia, como se fossem irmãos. O amor fraterno, ó caríssimos é o segundo grande Preceito a que se reduz tudo quanto a Santa lei de Deus. E o Apóstolo São João disse que se isso se observa, Basta, e quis dizer que basta para salvar-se, porque é onde mais facilmente se incorre. 6º. Nada de impuro entrará no reino dos Céus. Rigorosa vigilância, portanto, a reseito da bela virtude da Pureza, e abominação

ao feio vício que se lhe opõe. Quantos perigos encontrareis contra essa Virtude. Pais, vigilância e cuidados para afastar vossos filhos desses perigos. Se eles se inflamam neste vício, todas, todas as vossas esperanças irão malograr. 7º. — Observância, por último, dos preceitos da Igreja, que emanam igualmente de Deus ao menos no que o comportam as vossas circunstâncias.

III — FILHOS

E, finalmente, em terceiro lugar vos recomendo os vossos Filhos. Deus os tem confiado a vós pais e deveis prestar rigorosa conta. Deveis educá-los cristamente no Santo Temor de Deus para que se salvem. E deveis educá-los com o bom exemplo e com a instrução. Se as vossas instruções, os vossos ensinamentos, as vossas recomendações não forem acompanhados do vosso bom exemplo, vós não colheis bons frutos de virtude em vossos filhos, porque, se a palavra se esvôa, os exemplos arrastam. Bons exemplos, portanto, ó pais, e o repito muitas vezes, bom exemplo a vós pais; também no fazer o ofício de Mestres e de Sacerdotes em referência aos vossos Filhos, especialmente as Mães enquanto o Pai deve atender a fadiga para ganhar o pão, mas se a Mãe faz o ofício de Sacerdote, terá um dia o prêmio de um Sacerdote. Mas tenham também os mais solícitos cuidados, não valem se não acompanhados da divina graça. Assim, ó vós pais, rogai ao Senhor para o bom êxito de vossos filhos, recomendando-os amiúde a Deus e à Maria Santíssima, a São José e ao seu Anjo da Guarda ao Santo de seu nome. Rezai especialmente ó vós Mães, a Maria para que os receba sob o seu manto, que os defenda dos perigos do pecado, e lhe dê a graça de imitar-lhe as suas virtudes em especial a pureza. E se apesar de vossos cuidados, algum filho falhar, rezai, implorai, chorai aos pés de Maria para que o reconduza ao bom caminho. Vós dizeis que ireis atravessar o Oceano para dar bem-estar a vossa Família, aos vossos filhos; lembrai-vos de dar-lhes um bom estado a alma, em preferência ao corpo. Eis, portanto, ó caríssimos, as poucas palavras que desejava endereçar-vos na véspera de vossa partida. Três recomendações, como tendes ouvido. Permitam-me que as repita: Recomendando-vos a vossa Fé, a vossa Alma e vossos Filhos. Gravai bem estes conselhos em vossas mentes, nos vossos corações, nas vossas almas, e se as puserdes em prática, sereis felizes no mundo e muito mais na eternidade. Ouçam ó caros, lembrai-vos além Oceano, de vossos parentes, dos vossos amigos, dos vossos patriotas, porque aquela Comunhão dos Santos, á qual pertecemos, se estende não só além dos mares, mas

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

também além do Túmulo, depois do qual, um Réquiem por caridade também para aquele que vos fala.

Conquanto não posso deixar-vos partir sem dar-vos com toda a efusão de minha alma, a santa bênção, esta bênção que ardorosamente imploro ao excelso Deus, desça copiosa sobre vós desça sobre vossos corpos e muito mais sobre a vossa alma e sobre todas as coisas vossas: esta bênção vos acompanhe não só durante a vossa viagem por terra e por mares e lá naqueles lugares, naquelas terras, onde fixareis a vossa demora e vossas esperanças.

Esta bênção penetre qual místico bálsamo e óleo salutar, em vossas carnes, no vosso sangue, nos vossos ossos. Esta bênção vos acompanhe em vida, na morte e passe ao de lá do túmulo, e esteja unida à vossas cinzas e à vossa alma lá no Céu.

Benedictio Dei Omnipotentis Patris :- et Filii :- et Spiritus Sanctis :- Descendat super vos et maneat semper.

Adeus, até ao Paraíso, ó caríssimos!

P. Antonio Fontana, que se recomenda à vossas orações, que promete de fazer outro tanto.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

“O Faro da Raposa”

É uma publicação em que o conhecido crítico literário e professor de Teoria Literária, Lauro Junkes, reúne uma parcela de suas apreciações dos livros catarinenses surgidos no ano de 1982. Assim como fizera no ano anterior, com o volume a que denominou “O Leão Faminto”, ele procurou salvar das páginas efêmeras dos jornais aqueles ensaios que julgou mais significativos, seja pelo seu valor intrínseco, seja pelas qualidades da obra comentada. Tratando-se, como o próprio autor acentua, de um volume realizado artesanalmente, sem maior preocupação gráfica, é evidente que não é, ainda, o destino definitivo desses trabalhos publicados na imprensa. Visa, antes de tudo, preservá-los para um aproveitamento futuro, em obra de maior envergadura, mantendo ao mesmo tempo uma visão de conjunto do que se deu a público em nosso Estado naquele ano.

Cerca de cinquenta obras, nos gêneros romance, conto, novela, poesia, ensaio, crônica, literatura infantil e teatro, além da própria atividade crítica, são submetidas ao exame desse analista minucioso e perspicaz. Dentre os inúmeros autores que mereceram sua atenção

encontram-se os blumenauenses Martinho Bruning, Roberto Diniz Saut, José Gonçalves, Urda Klueger e Enéas Athanázio.

É mais um serviço prestado por esse pesquisador incansável das nossas letras e no qual vemos o germe de uma obra futura de grande abrangência e que virá completar aquele que iniciou com o volume "Presença da Poesia em Santa Catarina", hoje integrado ao acervo da história e da crítica em nosso Estado e indispensável para qualquer estudioso.

"Os Eleitos para o Sacrifício"

É o mais recente livro de contos de Holdemar Menezes, um dos nomes mais destacados da nossa prosa e cuja obra se espalha também pelo romance, pelo ensaio e pela crônica, revelando-se em qualquer deles exímio criador. Capaz de construir contos que grangearam repercussão nacional, tem igualmente o método e a paciência indispensáveis ao ensaísta, o fôlego para arquitetar um romance de nível e a agudeza de espírito que se exige do cronista, frequentando a imprensa diária, captando sempre os aspectos curiosos da vida com bom humor e inteligência.

Neste volume estão reunidos nove contos, de um modo geral mais longos que os publicados anteriormente, numa publicação da Editora Movimento (Porto Alegre). Escritos no linguajar livre e direto que caracteriza o estilo desse escritor sem meias palavras, neste livro Holdemar Menezes se mostra inteiramente à vontade, pisando com segurança um chão a cada dia mais conhecido e com a descontração de quem está em chinélos na sua própria casa. Um lançamento que merece atenção.

"Confissões de uma Filha do Século"

Publicado pela Editora Lunardelli (Florianópolis), é um romance de Silveira Júnior. Trata-se, segundo o autor, de uma obra de pura ficção, escrita com decisão e método na década de 60 e só agora dada a público. Durante todo esse tempo o livro ficou escondido, pelo que tinha de "licencioso", até que se decidiu a publicá-lo. "Quase vinte anos depois — diz o romancista — submeti-o ao julgamento de uma mulher culta e liberada: Lia Leal. Ela gostou, corrigiu vários erros e me aconselhou a publicá-lo. Daquele tempo para cá, os costumes mudaram tanto que aquilo que era uma violência literária tornou um exercício de ascese espiritual". O livro é o diário estranho de uma das sete moças do interior que vão para a cidade grande.

LOJAS HERING S.A.

Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Autor de um livro que se tornou muito conhecido ("Um brasileiro nos EE. UU.") e bem sucedido como memorialista ("Memórias de um menino pobre"), além de outros trabalhos, o autor começa a revelar a sua face de romancista, pois além deste já anuncia outro livro no gênero.

"A Pátina do Tempo"

Para lançar esse meu novo livro de ensaios, publicado pela Fundação Casa Dr. Blumenau, resolvi resgatar uma dívida que nossa cidade tinha para com o crítico Lauro Junkes pelo incentivo e divulgação que tem dado aos nossos autores. Com a presença de Martinho Bruning (poeta), Vilson Nascimento (poeta e crítico de artes plásticas), Roberto Diniz Saut (poeta), José Gonçalves (jornalista e escritor) e José Finardi (historiador), ofereci um jantar informal, no salão do Restaurante Aquarium, ocasião em que pudemos expressar-lhe o nosso reconhecimento. E nessa noite ofereci aos presentes os primeiros exemplares desse livro — o décimo que publico — lançando-o para que dê início à sua trajetória. Se ela será longa ou breve, vitoriosa ou não, só o futuro poderá dizer.

Casa Husadel uma tradição de 87 anos

Sueli M. V. Petry

Ao percorrermos a Rua XV de Novembro, vamos encontrar no n.º 801, uma obra arquitetônica, que pelas suas características e formosura de estilo tem levado o nome de Blumenau aos mais diversos cantos do mundo, através de cartões postais, revistas e fotografias. Para melhor conhecermos a evolução desta tradicional Casa de Comércio, procuramos conversar com uma das filhas do fundador deste ramo comercial, senhora Cora Husadel Baumgarten, que está atualmente com 83 anos.

Conforme suas afirmações seu Pai, Paul Husadel nasceu na região de Bahan/Pommerânia na Alemanha em 12 de março de 1860. Chegou ao Brasil por volta de 1890, estabelecendo-se inicialmente em Desterro. Lá montou, na Rua Trajano n.º 11, uma loja, onde vendia relógios de parede, despertadores, óculos, binóculos, termômetros, instrumentos musicais e pedras preciosas. Era também revendedor dos famosos relógios americanos Seth Thomas. Seus artigos eram importados da Alemanha, Nova York e França.

No ano de 1897, Paul Husadel transferiu-se para Blumenau, onde abriu uma loja especializada em artigos para presentes, venda e consertos de relógios, brinquedos e outros artigos importados.

Em Blumenau contraiu núpcias com a Senhora Frieda Clasen de tradicional família blumenauense. Do casamento tiveram duas filhas: Alice, casada com Alfredo Hering e Cora, casada com Armi Baumgarten, falecido recentemente.

Desenvolvendo suas atividades comerciais numa casa alugada que anos depois veio sediar a livraria de Eugen Currlin, o comércio de Paul Husadel foi crescendo com segurança. No início do século, com o objetivo de ampliar e estabelecer-se em sede própria, adquiriu do Sr. Paul Hering uma propriedade e residência, na qual hoje está edificado o prédio da Casa Comercial.

Em 1908, foi feita uma reforma da casa e ampliação da loja, nesta reforma foi construído mais um pavimento. A parte superior era destinada à residência e a térrea para o comércio. O projeto de ampliação do prédio foi feito pelo Arquiteto Weidnauer e os serviços de construção ficaram a cargo do Sr. Christian Lüders. As alterações sofridas no projeto de ampliação foram: o rebaixamento das janelas e o andar superior que obedece uma linha que lembra as casas suíças, com uma sacada em madeirame torneado e rendilhado. Sob a denominação de Relojoaria Paul Husadel, o comércio prosperou, tornando-se um dos mais tradicionais da cidade.

Em 1932, aos 72 anos, faleceu Paul Husadel. Sua esposa Frieda assumiu a direção dos negócios, permanecendo à testa do mesmo até o ano de 1938, quando fez sociedade com seu genro Armi J. E. Baumgarten. Neste mesmo ano a viúva Husadel, realizou uma viagem de recreio à Alemanha. Retornou ao Brasil com o eclodir da 2ª. Guerra Mundial. Faleceu em 1960.

Ainda na década dos anos 40 a firma transformou sua razão social para Sociedade Anônima, sob a denominação de Casa Husadel S/A. Figuravam então como diretor Geral Armi Baumgarten e como Diretora Gerente a Senhora Cora Husadel Baumgarten que permaneceram no cargo até o ano de 1967. Ao deixar o posto que ocuparam durante mais de trinta anos, o passivo e o ativo da firma foram absorvidos pelos acionistas: Elke, Fred e Wittch Paul Hering. Estes, ao assumirem a Loja sob a denominação "Casa Husadel Joalheria e Ótica Ltda", conservaram uma tradição de 87 anos de bons serviços e qualidade de seus artigos à Comunidade do Vale do Itajaí.

NOTA: Ao realizarmos esta entrevista com a Sra. Cora Husadel Baumgarten e seu esposo Armi J. E. Baumgarten foi o nosso último contato que tivemos com este; no dia 16 de novembro último veio a falecer no Hospital Santa Isabel.

FALECIMENTO DE ALFREDO CAMPOS

ENLUTOU BLUMENAU

Com a idade de 86 anos (7/10/1898/1984), faleceu no dia 26 de novembro em Florianópolis, aonde residia nos últimos anos, o sr. Alfredo Campos. Durante 55 anos ele viveu em Blumenau. Aqui constituiu sua família, aqui exerceu as mais altas funções públicas, tendo sido prefeito de 22 de janeiro de 1944 a 13 de novembro de 1945, além de outras atividades que sempre o destacaram pelas suas admiráveis qualidades de homem devotado ao bem da comunidade. Formou um círculo tão vasto de amizades que, ao seu falecimento, a repercussão foi geral, envolvendo diversificadas gerações de blumenauenses. E por isso mesmo e com muita justiça, o prefeito Dalto dos Reis decretou luto oficial por três dias como pesar pelo passamento desta figura que, além dos dotes políticos que o caracterizavam, também fez notáveis incursões pelo jornalismo, revelando qualidades admiráveis de redação e as facilidades com que sabia transportar para o papel suas esclarecidas e avançadas idéias.

Alfredo Campos, nascido em Florianópolis a 7 de outubro de 1898, fez seus estudos no Colégio Catarinense. Foi funcionário do Tesouro do Estado, escrivão da Coletoria de Canoinhas em 1916, coletor estadual em Indaial, tendo vindo para Blumenau em 1919, aonde foi escrivão e tabelião. Mais tarde ingressou na Empresa Força e Luz Santa Catarina, exercendo ali inicialmente as funções de secretário geral, tendo aos poucos, graças aos seus esforços e reconhecidas virtudes de inteligência e capacidade profissional, galgado cargos de direção, chegando às funções de diretor, que exerceu por longos anos. Foi ele quem organizou os arquivos da Força e Luz, dotando-os de condições as mais modernas e eficientemente técnicas. Exerceu cargos eletivos de deputado estadual em duas legislaturas, foi, além de prefeito de Blumenau, vereador da Câmara local. Sua esposa, que faleceu há anos passados, era filha de Emílio Jacobsen. Com ela, teve quatro filhos: Iolanda, Valdir, Edi e Dulcinéia.

Poucos meses antes do seu falecimento, numa visita que fazia a Blumenau e revendo amigos, como era assíduo leitor e incentivador desta revista, Alfredo Campos fez-nos uma cordial visita, trazendo-nos o abraço com a renovação de sua imensa amizade sempre dedicada àqueles que nunca deixaram de admirá-lo e sentirem-se honrados com a sua amizade. Por isso, ao registro deste acontecimento, "Blumenau em Cadernos" expressa o grande pesar pelo desaparecimento de tão ilustre figura que tantos e tão bons serviços prestou a Blumenau e sua gente, externando o pesar à sua distinta família enlutada.

SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Sesquicentenário da imigração

Evocação feita por **FREI ELZEARIO SCHMITT, OFM,**
em 3 de março de 1979, na matriz
de São Pedro de Alcântara, por ocasião das comemorações dos 150
anos da imigração alemã no Estado de Santa Catarina

Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Dom Afonso Nihues. Exmo. Sr.
Governador Dr. Antônio Carlos Konder Reis. Exmo. Sr. Prefeito
Geci Dorval Macedo Thives. Revmo. Padre Huberto Waterkemper,
Vigário de São Pedro de Alcântara. Revdos. Srs. Padres. Ilustres
visitantes. Povo de São Pedro de Alcântara.



São Pedro de Alcântara, matriz atual.
1ª. colônia alemã em Santa Catarina.

Muita gente está faltando aqui hoje. Não puderam ser convidados porque partiram para sempre. Da quase totalidade, nem a sepultura não resta mais. Foram 146 pais e 146 mães de jovens famílias, que já não podem contar-nos a história *doce-amarga*; que da rosa teve tudo: uma grande flor e muito espinho. Como fazem falta nesta festividade gloriosa, que é antes deles do que nossa, passados 150 anos!

Sobrou para contar a história, talvez, o rio Imaruí, que levou para o oceano, durante este século e meio, o suor, a mágoa e as alegrias desta gente.

Também podiam contar a história os rochedos destas encostas e as pedreiras destas grotas, duras e frias, mudas presenças numa luta grande.

Também podiam contar a história as velhas tafonas, os engenhos de açúcar e farinha, antigos como a colônia, estrada acima,

estrada abaixo, que durante gerações muito cheias de gente misturaram sua rangida cantilena ao riso e à lágrima dessa gente curtida de trabalhar.

Também podiam contar a história os carros de boi, encosta acima, grotta abaixo, rangendo pelas quebradas, ecoando longe, noite entrada, sua dolente canção de colheitas fracas.

Também podiam contar a história os velhos lampiões de que-rosene, de trisavós a trinets, a cuja tristonha iluminação todas as velhinhas que Deus levou, durante noites sem fim e sem descanso, costumavam e remendavam para os seus, dedal enfiado, dedos trêmulos, visão que já não acertava o furo da agulha: as doces vovós de São Pedro de Alcântara, nossa terra.

Mas seria necessário, sobretudo, que falassem as pedras, os buracos e o lamaçal da estradinha, Santa Filomena acima, Imaruí abaixo, anos sem conta, sapatos na mão, os pés sangrando muitas vezes, em direção à igreja distante. A igreja era tudo, porque a religião era tudo. A fé dava toda a transfiguração a essa vida trabalhosa e dava as grandes alegrias da família, nos casamentos bonitos e no jardim florido. E dava as festas da comunidade, as alegrias de arromba que havia em São Pedro. E aqui, o que hoje resta, é glorioso: esta gente idosa, esta gente moça, as crianças brilhando lourinhas e enfeitadas, enchendo sua invejável igreja matriz nesta hora, até este momento a maior hora que São Pedro já viveu em 150 anos. Nas veias o mesmo sangue, nos olhos o mesmo brilho da fé e da determinação de vencer por paus e por pedras — que este foi o caminho da Colônia de S. Pedro de Alcântara, e segurando nesta hora histórica a mesma lágrima da comoção. Nem nós, muito menos nossos pais e avós, sonhávamos que em nosso pequeno lugar um dia fosse possível acontecer uma festa dessas. Louvado seja Deus!

Em busca de coisa melhor para seus filhos, todos ainda crianças, totalizando umas 523 pessoas, colonos modestíssimos, saídos de terras alemãs cansadas e divididas, onde já não dava de criar vaquinhas por causa do aperto das propriedades, partilhadas pelos filhos que iam casando, onde a batata começava a dar doença, onde a incipiente industrialização vinda do norte da Alemanha começava a pisar na pobre lavoura de sobrevivência, aceitaram o convite de D. Pedro 1º, imitando seus compatriotas que 4 anos antes haviam chegado a São Leopoldo, iniciando a colonização alemã no Rio Grande do Sul. Arrancaram-se de seu torrão natal a encantada região dos vinhedos do rio Mosela, exatamente a terra entre o Hundsruock ao sul e a Eiffel ao norte: embarcados no porto de Bremen, desembarcados no Rio de Janeiro, ali novamente embarcados em dois navios menores para o Desterro, capital da Província de Santa Catarina — em cada porto uma demora desesperante de semanas e meses! —, aqui neste lugar, na freguesia de São Pedro hoje enfeitada, se encontravam presentes os primeiros homens dos nossos mais longínquos antepassados. Com

um bilhete, enviado aqui da mata para a capital, o engenheiro Passos, no dia 1º. de março de 1829, anunciava ao Brigadeiro Francisco de Albuquerque e Mello, Presidente da Província, esta presença dos colonos pioneiros. Aquele 1º. de março era um domingo — certamente o 1º. domingo na existência de S. Pedro de Alcântara, 7.800 domingos em 150 anos. Não sabemos se foi de sol, se foi de chuva. Mas deve ter sido de amarga saudade.

E aqui estamos nós, nesta igreja magnífica, monumento em pedra, que a fé imortal dos descendentes daqueles mesmos colonos levantou a seu Deus e a seu Padroeiro. Se a seus antepassados, com a longa demora no Desterro, junto com as sementes apodrecidas, apodreceram-lhes também algumas boas esperanças, aquela fé que eles traziam nunca morreu, e se cristalizou numa das mais belas igrejas do Estado de Santa Catarina, construída, não com as contribuições da grande indústria e do alto comércio em cidades de origem germânica hoje ricas, mas com o suor do rosto dos nossos colonos plantados em terra ingrata. Parece mesmo que pegaram das pedras de sua estradinha pedregosa, não para atirá-las aos que podiam ter ajudado a Colônia e não para atirá-las aos que podiam ter ajudado a Colônia e não o fizeram, mas para construir com elas o grande templo ao Deus de sua Fé. Por isso mesmo, São Pedro tornou-se sementeira de vocações sacerdotais numerosas, berço de gente rija, que forneceu filhos para ajudarem ou na fundação ou no progresso grande de outros núcleos populacionais no Estado: Santo Amaro, Bom Retiro, Ituporanga, Urubici, Jaraguá do Sul, Porto União, Gaspar, Luís Alves, firmas comerciais ilustres em Florianópolis e Blumenau, berço de famílias de homens ilustres não nascidos em São Pedro: um Felipe Schmidt, um Lauro Mueller, um Raulino Horn, um Gustavo Richard, ex-governadores de Santa Catarina, e onde as listas genealógicas apontam os Arns, da família do Cardeal de São Paulo.

Na invocação histórica deste dia, vamos, pois, fazer louvação muito grande à Colônia de São Pedro de Alcântara, e vamos fazer louvação ao Senhor deste dia, Deus bendito pelos séculos, o Deus de nossos pais e avós. Louvado e bendito seja!

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes

(Continuação do número anterior)

CARTA Nº. 5

“Blumenau, 18 de janeiro de 1867.

Querida Irmã e cunhado!

Desejo-lhes um feliz Ano Novo, na esperança que esta os encontre com saúde. Novidades não posso escrever muitas, a não ser que o Fritz seguiu há dois anos em outubro, como Voluntário na Guerra contra o Paraguai e que sei de outras pessoas ele está bem de saúde pois pessoalmente ele ainda não escreveu.

Por intermédio da última carta para o Pai cheguei a saber que todos vocês estão bem; fiquei satisfeito ao saber de uma opinião que é contra minha pessoa. Isto diz respeito ao dinheiro sobre as coisas que vocês mandaram. Vocês não devem pensar que aqui no Brasil é como na Alemanha, somente precisamos ir ao correio onde podemos despachar pacotes e dinheiro com facilidade. Eu já me encomodei com as coisas enviadas, mais do que elas valem.

Espero que pela Páscoa vocês recebam o dinheiro. Uma senhora aqui na Colônia tem dinheiro a receber de parentes em Hamburgo, estes deverão pagar a vocês e nós pagaremos novamente a senhora aqui. Na esperança que esta carta os encontre com saúde

Assina seu irmão e cunhado

Franz Meyer

NB. Logo que receberem o dinheiro, peço favor de escrever”.

CARTA Nº. 6

“Blumenau, 13 de fevereiro de 1867.

Muitas lembranças para a filha, genro e neto!

Se todos estão com saúde ainda muito nos alegrará.

Nós estamos todos bem de saúde e os maus tempos devido a Guerra também aconteceram. Fritz já está há um ano e meio como voluntário na Guerra: mesmo contra nossa vontade ele foi. Parece que ele esteve doente, é muito longe daqui umas 500 milhas e seja dito muitos dos nossos morreram, mas ele ainda está vivo como dizem, e que são bem tratados. O que diz respeito ao dinheiro é culpa do Fritz. Fritz recebeu sua parte e imediatamente depositou o mesmo com o administrador na Alemanha e deste dinheiro faço uso agora, não o fiz antes por falta de tempo. Agora também está ruim para a Colônia e todas as economias são gastas e decaiu muito. Nós somos velhos e não podemos mais trabalhar no pesado. Eu completei no dia 26 de abril 60 anos e o Pai (marido) 62. Minha mãe, também convidou-me gentilmente a voltar para a Alemanha, mas o pai não quer ir. A viagem custaria tudo o que temos aqui e voltar sem nada também não é bom viver na Alemanha. Agora um assunto confidencial e de confiança: agora em 1877 será tudo pago, prezado genro, peço gentilmente procurar

o administrador e dizer que recebeu esta carta. Agora deve vencer uma letra e pede a ele o número da mesma, se ele não a tem, peça-lhe que a envie e mande este número também para mim, pois deposito toda confiança em sua pessoa. Em maio vence a letra de 10 Táler (moeda da Alemanha de prata) e que nos seria enviado, mas quando vencer, poderá ficar com a metade, caso falte um pouco, creia eu não tenho mais, o restante peço enviar para nós. Os sapatos que a Augusta enviou não serviram ao pai, eram muito grandes e os meus pequenos.

É muito bom saber que o avô virá para cá, então os netos também receberão alguma coisa. O rapé o pai faz mesmo e vale 10 táler e leva o ano inteiro para fazer. Agora preciso terminar. Custou muito escrever esta carta, deixei isto a cargo do Franz, mas ele é muito preguiçoso em escrever.

Escrevam sempre que puderem.

Sr^a. Meyer."

CARTA Nº. 7

"Hamburgo, 21 de novembro de 1867.

Ao Senhor M. Reuschers

Em Weissefels.

A pedido da Senhora Henriette Passig, agora em Rio de Janeiro, residente anteriormente em Blumenau, Brasil, envio a importância de 30 Táler.

O recebimento peço comunicar por carta imediatamente ao receber a mesma.

Atenciosamente

Carl J. Schröder

Meu endereço do escritório é:

Carl J. Schröder

Hamburg."

CARTA Nº. 8

"Blumenau, 14 de julho de 1868.

Queridos filhos!

Sua carta recebemos e subemos por intermédio dela que receberam o dinheiro. Isto me trouxe muita preocupação, porque já tínhamos pago o dinheiro há bastante tempo e estávamos certos que vocês já o tinham recebido, mas tudo foi um lapso acontecido em Hamburgo. O Fritz está como voluntário no Exército e não está muito contente. Esta Guerra com o Brasil e os Paraguaiois traz muitas desgraças e está aqui começando a parecer semelhanças como na Prússia. Com os tributos o país está endividado. É muito insalubre no Paraguai pois a região é muito pantanosa. Lá as pessoas morrem mais por enfermidades do que nos campos de batalha.

A emigração da Alemanha para cá está atualmente muito forte. Chegou um navio com 365 pessoas em nossa Colônia e 490 estão sendo esperadas de um dia para outro. Quase todos são prussianos de Holstein, Meklenburg e Saxônia. Eles são trazidos pelo Governo até a Colônia. Aqui cada um recebe acima de 10 anos 20 mil réis de presente do governo e que não precisam devolver, 4 mil réis para a alimentação e 30 mil réis para a construção da casa. A terra recebem a créditos e os restantes 34 mil réis são creditados sobre as dividas da terra e precisam ser devolvidos mais tarde. Mesmo assim muitos estão descontentes. Quem tem saúde e passa fome é culpa dele mesmo. Todos os que se dirigem à Dire-

ção recebem trabalho na construção de estradas.

A velhice está se aproximando de mim também, já não posso trabalhar e produzir tanto. A saúde permite que eu mais ou menos ainda possa preparar a lavoura na minha terra.

O resto a mãe te escreverá.

Muitas lembranças a vocês e escrevam para seu pai.

Fr. Tiemer "

CARTA N.º 9

Queridos filhos!

Algumas palavras de sua mãe, o resto o pai já escreveu. Nós estamos sozinhos. Auguste casou e mora no Rio. Ele é instalador e trabalha no telégrafo. Paulo e Fritz ainda estão no Exército. Eu já estou doente há mais de um ano. O terrível reumatismo não me permite fazer mais nada. É uma grande felicidade que o pai tenha saúde, porque ele precisa trabalhar na lavoura. Franz tem três filhos como vocês e em 10 anos Wilhelm já estará educado então passará tudo para ele. Eu desejo para o meu neto muitas felicidades.

Escrevam para mim muitas vezes, o pai não pode fazê-lo, e eu tenho muitas dificuldades enquanto que o Franz é preguiçoso. O Fritz recebeu três cartas nestes anos todos, uma escrita pelo pai e duas pelo Franz. Eu sempre estou muito preocupada com ele.

Escrevam por favor, desejo a todos vocês saúde e felicidades."

CARTA N.º 10

"Colônia Blumenau, 10 de novembro de 1883.

Querida Irmã e Cunhado.

Vocês certamente ficaram

surpresos em receber uma carta escrita por mim. Eu sempre esperava que o Franz o fizesse, pois ele escreve melhor do que eu. Mas como ele não tomou nenhuma iniciativa eu resolvi escrever. Como sei querida irmã, você gostaria de saber como está a mãe de saúde. O prezado cunhado que não se admire dos muitos erros gramaticais que faço, pois de minha parte escrevo com maior boa vontade.

Nós passamos por vários anos difíceis, a saúde da mamãe e a grande enchente há três anos passados nos prejudicou muito. A água subiu tão alto que as pessoas tiveram que abandonar suas casas e abrigar-se em igrejas construídas nos morros. Nós estávamos abrigados na Igreja Católica por três dias. Algumas pessoas dormiam no chão, eram aqueles que conseguiram salvar alguma roupa de cama. Quando as águas saíram das casas vimos realmente o estrago que causou. Em nossa casa tinham desmoronado paredes internas que eram de barro. A casa do nosso vizinho, que era bem grande e tinha sido construída há apenas um ano, tinha desmoronado e atingido uma parte do nosso telhado. O chiqueiro com três porcos tinha sido arrasado pelas águas, todas as cercas em volta das casas e muitas tábuas e casas tinham sido levadas pelas águas. Para nós ela trouxe muitos outros dissabores ainda. Nós não estávamos nem oito dias outra vez em nossa casa, onde tínhamos que dormir no chão, pois tudo estava molhado ainda e continuava a cair uma chuva fina e as casas, não secavam. Eu estava justamente lavando as portas cheias de lama, quando mamãe

levando uma pá, resolveu subir ao sótão para ajudar na limpeza. Subitamente ouvi atrás de mim um barulho e vi que mamãe tinha escorregado nos primeiros degraus da escada, como seus chinelos eram de couro e com a água e a lama tinham se rasgado, ela usava tamancos e tinha provavelmente pisado em falso. Começou então um longo tempo enferma no leito. Durante 10 semanas tratei dela dia e noite. Havia muito trabalho, a plantação estava arruinada, tínhamos que replantar tudo novamente. A perna da mãe ficou paralizada, ela mancava com uma perna só e se locomovia com uma bengala. O pai depois da enchente arruinou sua saúde isto devido ao muito trabalho e também porque no primeiro tempo andava sempre descalço na lama e sujeira. Adoeceu certo dia com hidropsia e teve três longos meses um triste leito de enfermo. Ele tentava mas não conseguiu engolir nada; além disso tudo sempre estava febril, uma vez forte, outra vez menos e como não se alimentava, aos poucos foi morrendo de fome. A 6 de dezembro de 1881, morreu com 76 anos e 11 meses. Eu vivo com a mãe e meu filho. Os pais tinham alguns 100 mil réis emprestados a juros, mas na grande enchente já foram ultrapassados e tivemos prejuízos depois da morte do pai, mais ainda.

Além de tudo isso a mamãe ficou demente e isto foi comentado de forma tão cruel por todos, inclusive meus irmãos que insinuavam que eu tentei colocar veneno em sua comida porque certo dia das 10 horas da manhã até outro dia às 11 horas ela não tinha bebido nem comido nada.

Apesar de todos os comentários permaneci ao lado dela. Certo dia perguntei-lhe se durante toda a sua enfermidade mesmo anterior eu uma vez levei comida estragada para ela, aí pareceu que ela teve um sentimento de lucidez e começou a chorar; eu pensei que agora tinha terminado esta demência. Querida irmã, agora você pode ver que tempos horríveis passamos. Meu marido já está internado em um manicômio no Rio de Janeiro há 10 anos. A Colônia tem progredido e temos boa comunicação e uma estrada de ferro também será construída. Por motivo de doença esta carta seguiu para o correio mais tarde do que o previsto. Dê lembranças a seu marido e seus filhos.

De meu filho Karl e de sua irmã

Auguste Wackernagel
Blumenau 2 de maio de 1884."

CARTA Nº. 11

"Blumenau 24 de outubro de 1887.

Querida irmã, cunhado e sobrinhos!

Devo comunicar a vocês que nossa mãe depois de sete anos de enfermidade faleceu no dia 18 deste mês. Na grande enchente ambos se resfriaram e a mãe quebrou uma perna, o padraсто faleceu em 1881, dia 7 de dezembro. Desde então a mãe começou a sofrer de demência e foi tratada por Auguste. Nós já teríamos respondido antes mas a manutenção da demente e também da outra consumiu todas as reservas e tivemos há 2 anos e meio que vender os últimos pedaços de terra, ficando somente a casa. Se Auguste ainda procura reivindicar outras benfei-

torias não sei. Os 11 metros de terra tendo 20m de fundo é pouco, se ela por todos os anos que cuidou da mãe quer mais não sei. Antes do padraсто falecer ele disse que queria que Auguste ficasse com a casa e que não a mencionássemos no inventário, não sei no entanto se ela se dá por satisfeita com isso, mas em verdade há muito pouco para herdar.

Mas agora falamos de mim. Eu me inscrevi para um novo lote de terra, o outro era muito pequeno e o solo gasto. Assim compreí um pedaço de terra maior e lá estou morando há três semanas com toda minha família. Minha família também está começando a se reduzir, o filho mais velho Bruno é ferreiro, tem sua oficina própria e vive na Argentina. Em junho deste ano faleceu sua esposa deixando um filho com apenas um ano de idade e agora ele se encontra a centenas de milhas distante e nada podemos fazer por ele. O segundo, Franz é carpinteiro e vive na Província do Paraná. O terceiro Otto é comerciante de tecidos e o quinto também quer nos deixar agora.

Temos ainda Paulo, Marie, Alfred, Elisa e Leopold com apenas 4 anos.

Não podemos queixar-nos, mas também não vivemos em grande vida, precisamos trabalhar duramente na floresta virgem e aí precisamos só de alimentação que atualmente não tem valor no mercado. As roupas devido a tarifa alfandegária são quase impossíveis de pagar. O que vocês pagam com 1 marco custa para nós 5 a 6 marcos, ao contrário das frutas pelas quais você pagam 5 a 6 marcos a nós custam apenas 3 a 4 marcos. Os colonos sem-

pre esquecem de calcular esta diferença, o que provoca os preços baixos dos alimentos. Agora preciso terminar e envio-lhes nosso atual endereço.

Muitas lembranças de minha família, esposa e crianças e também de seu irmão, cunhado e tio
Franz Meyer."

CARTA Nº. 12

"Blumenau, 10 de fevereiro de 1889.

Prezado cunhado e família!

Agora faz exatamente um ano que recebemos sua carta, na qual foram enviadas as fotografias prometidas. Depois desta não recebemos mais nenhum sinal de vida de vocês. Nós passamos tempos horríveis, depois que recebemos sua carta meu marido esteve gravemente enfermo e levou quase 10 meses para que ele se recuperasse um pouco para poder continuar a trabalhar, mas as suas forças necessárias não querem voltar. Por esta razão tio Fritz assumiu a incumbência de escrever-lhes por causa da herança. O que ele escreveu no entanto não sabemos, porque vocês não responderam a mesma?

Por este motivo os irmãos enviaram pelo procurador do Sr. Sachtleben a proposta em oferecer-lhes 200 marcos, mas também a esta não responderam. Acreditam porém que da herança da mãe não existe mais nada. Vocês também não deveriam ter ofendido tia Auguste desta maneira, porque o que realmente aconteceu é bem diferente. Ela sacrificou seus melhores anos como enfermeira, mas em toda desgraça mesmo assim sempre existe uma felicidade, porque se tia Auguste

tivesse sua própria casa a cuidar teríamos que contratar pessoas estranhas as quais teríamos que pagar porque da sua casa a mãe não queria sair.

Acreditem ela deu muito trabalho a todos nós pois ela estava doente durante 7 anos e a maior parte do tempo irascível e meu marido e tio Fritz se revejavam durante muitas semanas para cuidar dela também, além disto tinham a lavoura para cuidar e vivíamos 15 km distante, de fato não foram fáceis estes anos. Se vocês não acreditam em nossas palavras, entrem em contato com o Cônsul alemão em Blumenau e peça informações. Se vocês tivessem enviado uma autoridade judicial, tudo já estaria resolvido. A Casa está para desmoronar e necessita de reparos urgentes. Sejam gentis e remetam logo ao receberem esta carta o pedido de autorização e procuração ou entrem em contato com o Sr. Gustav Salinger. Mas agora chega de falar sobre este assunto. Sentimos muito a desgraça que atingiu seu filho, esperamos que ele tenha consolo pois o tempo suaviza a dor. Nosso Bruno trouxe seu filho para nós e retornou a Argentina porque Blumenau não lhe agrada mais atualmente. O garotinho nunca aprendeu a falar alemão, pois quando chegou somente falava espanhol. Ele já fez uma longa viagem sem a mamãe. No que se refere aos outros estão todos bem com saúde.

Na esperança que estas linhas encontrem vocês com saúde e que nos remetam a solicitada procuração envia lembranças sua cunhada

Leopoldine Meyer."

CARTA Nº. 13

"Blumenau 1^o. de dezembro de 1889.

Prezado Cunhado!

Como meu marido é muito preguiçoso para escrever, eu pego na pena para noticiar que recebemos sua carta, também a anterior com as fotografias, ficamos contentes e agradecidos.

Eu encontro certa semelhança entre seu filho Emil e nosso Emil. Aqui é muito caro senão já teríamos enviado fotografias de nossas filhas. Alegra-nos saber que seu filho Wilhelm casou novamente. Nosso Bruno ainda não encontrou quem substituísse a primeira esposa. Os outros estão todos bem de saúde. Tio Fritz já está casado há mais de 10 anos mas não tem filhos. Ao que se refere a Tia Auguste é que ela está com saúde mas sempre preocupada com seu filho único que está longe. Quanto a herança posso dizer-lhe que continua tudo no mesmo depois e que recebemos sua procuração; a mesma foi publicada no jornal oferecendo a casa a venda mas como anteriormente já expliquei a casa está em ruínas, a cozinha desmoronou totalmente. No Brasil nada é construído bem, e agora estávamos numa péssima época. Até o presente momento não se apresentou nenhum comprador e os irmãos também não querem se desfazer dela por uma bagatela. Portanto é preciso paciência até que seja vendida, e quando isto acontecer o senhor receberá imediatamente a parte que lhe toca. Mas deixe que procedemos com paciência. Como estão todos vocês? Já deve fazer bastante frio, nós provavel-

mente teremos um natal muito quente, temos tido quase que diariamente uma temperatura de 28 a 30 graus Resmur na sombra. Mas agora vou finalizar esta na esperança que a mesma encontre todos com saúde e respondam logo à sua cunhada.

Leopoldine Meyer"

COMPÊNDIO DA CARTA:

"Prezado Emil!

Os pais pedem a você que responda a carta com mais delicadeza. Agora gostaria de perguntar: você pode conseguir para mim um despertador? Se for o caso, por favor mande um para mim. Os pais anexam uma fotografia da pequena Katarina.

Muitas lembranças enviam os pais e Otto.

Prezado Emil nós temos hoje roupa, você deve ter esperado muito por ela mas a mulher nunca tinha tempo."

CARTA N.º. 14

"Blumenau 10 de outubro de 1890.

Prezado Cunhado!

Sua estimada carta nós recebemos e por intermédio dela tomamos conhecimento que em sua família se abriu uma grande lacuna, receba os nossos sinceros pêsames, Deus consola todos teremos que morrer um dia e nada melhor que o tempo, ele nos consola.

Sinto somente que não chegamos a nos conhecer pessoalmente mas com a viagem à Alemanha creio que não poderemos contar não é tão fácil como se diz. Em primeiro lugar nosso pai já fez 58 anos no dia 11 de agosto e ainda temos crianças a

educar. O que mais sinto que sempre terei que escrever novamente que a casa ainda não foi vendida. Os irmãos fizeram de tudo, em abril aconteceu na vizinhança o leilão de uma casa e eles comunicaram que a casa dos pais também seria leiloada mas nenhum comprador apareceu. A época não é boa e para nós torna-se muito desagradável, mas nada podemos fazer. O filho de tia Auguste é funileiro e está no Rio agora. Ele escreveu para a mãe que se a casa fosse vendida ela o encontrasse no Rio onde então se estabeleceria, mas ainda não será este o caso. Portanto é preciso que o senhor também tenha paciência, porque logo que se efetuar a venda o senhor receberá a sua parte. Nada mais de novo posso escrever a respeito de minha família, a não ser que estamos todos com saúde e desejamos ao seu filho Wilhelm muitas felicidades no novo casamento. Espero que ele tenha escolhido uma boa mãe para seus filhos. Os dois outros devem provavelmente seguir o exemplo assim eu creio. Seu filho Emil se parece muito com o nosso Emil o que constatamos na fotografia; se não fosse tão caro todos já teriam mandado tirar uma fotografia, mas isto representaria muito capital. Agora me despeço. Não fique muito triste assim como sua família também. Mais uma vez lembranças de todos nós e sua

cunhada Leopoldine Meyer."

CARTA N.º. 15

"Blumenau 18 de fevereiro de 1893.

Prezado Cunhado !

Como meu marido é muito preguiçoso para escrever cartas

pego novamente na pena para escrever-lhe e comunicar que recebemos sua carta de 20 de novembro em 24 de Janeiro e tomamos conhecimento que o dinheiro esta sendo reclamado agora. Ele já estaria lá na Alemanha se o câmbio não estivesse tão alto. O terreno os irmãos venderam ao vizinho para dar a tia Auguste o pouco que ela fazia jus.

Ela foi com seu filho para a Colônia onde ele instalou uma funilaria. Os irmãos gostariam de ter podido esperar mais um pouco até que o câmbio sofresse uma queda, porque naquela ocasião eles teriam que pagar 200 marcos com 100 mil réis, mas agora são aproximadamente 200 mil réis mas para evitar tantos transtornos eles completaram a soma e o dinheiro foi pago no dia 12 de fevereiro ao Sr. Hermann Hering e o senhor o receberá através de uma casa bancária de Hamburgo. Esperamos que o mesmo cheque chegue em suas mãos encontrando-o com saúde.

Os tempos atuais não vão bem no Brasil, principalmente roupas de inverno subiram mais de 500% mas isto é provocado pelo Câmbio e não temos previsão de melhora. Em todos os lugares as pessoas se revoltam. Na semana passada houve até uma demonstração de protesto em Blumenau, o que antigamente achávamos impossível de acontecer.

Prezado cunhado, o filho Karl de tia Auguste esteve hoje aqui em casa e pediu para que escrevêssemos novamente, e eu lhe pedi o favor de comunicar-se com o endereço anexo que é de paren-

tes de seu pai. Este faleceu no Rio de Janeiro no manicômio. Ele antigamente tinha contado a sua mãe que ainda tinha para receber alguns marcos como herança.

Se Karl recebesse este dinheiro seria uma grande ajuda para ele. Referente a nossa familia nada de novo posso escrever-lhe somente que estou sendo martirizada pelo reumatismo e o calor que neste verão está muito forte. Quero aqui terminar desejando a todos saúde.

Enviam-lhe lembranças seu cunhado e cunhada

Leopoldine Meyer."

CARTA Nº. 16

"Rio de Janeiro 20 de março de 1890.

Senhor Wilhelm Reichert
Weissenfels

Gr. Gerlantgasse

Regurungshezirk Merseburg.

Por ordem do senhor Hermann Hering de Blumenau, enviamos ao senhor um cheque anexo a esta no valor de 200 marcos — depositados no Nord Deutsche Bank em Hamburgo.

Deverá seguir instruções anexas rigorosamente e pedimos avisar imediatamente o recebimento deste.

Atenciosamente
Bethje".
Moellner

TIRO DE GUERRA NR. 174

de Rio do Sul

José E. Finardi

Os TIROS DE GUERRA, que até os fins da década de 30, existiram no Vale do Itajaí, prestaram incontestavelmente grandes serviços ao país.

Foram criados com o objetivo precípuo de facilitar a Instrução Militar da mocidade do interior do país, principalmente daquela ligada às lides agrícolas e pastoris, de cujo afastamento do campo de suas atividades se mostrava grandemente prejudicial à economia nacional.

No Município do RIO DO SUL, em 1927, também fora constituído um Tiro de Guerra, que ao ser incorporado à Diretoria Geral do Tiro de Guerra, na 5ª. Região Militar em Curitiba, recebeu o Nr. 174 — cujas atividades se encerraram em 1938, com o estabelecimento nesta região, do 23º. Regimento de Infantaria, sediado em Blumenau.

A mocidade do então Distrito de Bela Aliança, pôde fazer sua aprendizagem militar, sem os sacrifícios advindos do sorteio.

Foi seu fundador e primeiro Presidente, o então Deputado Estadual (duas legislaturas) ERMEMBERGO PELLIZZETTI, primeiro Escrivão e Tabelião do Rio do Sul e ilustre homem público, de nacionalidade italiana, o qual, beneficiado pela Grande Naturalização instituída pela Magna Carta republicana de 1891, foi “penosamente” titulado em 1944, embora tivesse um filho na Força Expedicionária Brasileira (FEB), combatendo na Itália.

A primeira turma de matriculados, composta de 49 atiradores, foi submetida a exames, no dia sete de abril de 1929, figurando entre os aprovados, nomes ilustres, como o Dr. Aristides Largura, que foi Deputado Federal; Wenceslau Borini, que foi Deputado Estadual e Prefeito do Rio do Sul; Raymundo Maver Sobrinho, destacado funcionário público; Cirilo Menelli industrial e outros mais.

Foi primeiro Instrutor, o 1º. Sgto. João Oscar Souza Cerqueira, sendo a Comissão Examinadora composta pelo 1º. Tte. Roberto Pe-



Ermembergo Pellizzetti - Fundador do Tiro de Guerra nr. 174 — Rio do Sul, em 1927.

dro Michelena, como Presidente e como Secretários, os 2ºs. Sgts. Silvino Carlos da Nóbrega e João Laurentino Rosa.

— A segunda turma, composta de 23 matriculados, foi submetida a exames, no dia 14 de Fevereiro de 1930, sendo a Junta Examinadora constituída pelo Capitão Antonio Carlos Bittencourt, como Presidente e como membros, os 2ºs. Ttes. Décio Görsen de Oliveira e Ernesto Gonçalves Cordeiro. Foi Instrutor desta turma o 2º. Sgto. LUIZ TRAVAGLIA, dedicado militar, que serviu neste T. G. durante vários anos. A Diretoria do Tiro continuava com Ermembergo Pellizzetti, como Presidente e Dante Pellizzetti, como Secretário.

— A terceira formatura, composta de 57 alunos, prestou exames em 28 de janeiro de 1933, sendo todos aprovados. Presidiu a Comissão Examinadora, o 1º. Tenente GERMANO DONNER e como membros os 2º.s Tenentes Renato Pais Ferreira e Carlos de Menezes Brito. A diretoria do Tiro era constituída por Victor Buhr, então Oficial do Registro de Imóveis, como Presidente e Ricardo Silva Júnior, como Secretário.

Nesta turma figuravam diversos atiradores que se distinguiram na vida pública e particular. Lembramos os nomes de Victor von Gilsa, Francisco Reuter Júnior, Alex Buhr, Marcelo De Barba, Manoel Livramento, Ambrósio Régis, José Buzzi, Helmuth Baungarten, Mário Olívio Ropelatto e o Autor destas notas, que proferiu a saudação oficial, a qual, pelos conceitos que emite, mereceu ser publicada na época, por diversos jornais do país.

— A quarta turma, composta de 54 alunos, prestou exames em 26 de fevereiro de 1931 e a Comissão Examinadora era composta pelo Capitão Antonio Carlos Bittencourt, como Presidente e secretariada pelo 1º. Tte. Silvio Pinto da Luz. A Diretoria era presidida pelo farmacêutico Augusto Brandes e secretariada por Victor von Gilsa. A instrução militar coube ainda ao sempre lembrado 3º. sargento LUIZ TRAVAGLIA, de saudosa memória.

— A quinta turma, formada de 44 atiradores prestou exames em 22 de fevereiro de 1935, cuja Comissão Examinadora foi presidida pelo Cap. Antonio Carlos Bittencourt e secretariada pelo 1º. Tte. Silvio Pinto da Luz e como Instrutor, o 1º. Sgto. Antonio Boaventura da Silva. A Diretoria era constituída por Augusto Brandes, como Presidente e Pedro Cardoso, secretário.

— A sexta turma, com 25 atiradores, prestou exames em 16 de fevereiro de 1936 e presidiu a Junta o Cap. Risoletto Barata de Azevedo e 1º. Tte. Silvio Pinto da Luz, como secretário. O Instrutor foi o 1º. Sgto. Ramiro Farias Palhano.

— A sétima turma, com 41 alunos, foi aprovada em 11 de maio de 1936 e a última turma, de 58 alunos, prestou juramento em 31 de março de 1938, sendo Instrutor ainda o 1º. Sgto. Ramiro Torres Palhano — encerrando as atividades do Tiro de Guerra Nr. 174, com 351 Reservistas de 2ª. Categoria de nosso Exército.

A seguir, consignamos a saudação proferida pelo Atirador JOSÉ E. FINARDI, a que atrás nos referimos:

“Exmo. Sr. 1º. Tenente Germano Donner — DD. Oficiais componentes da Bancada Examinadora — Meus Senhores e minhas Senhoras. Acabais de ouvir o solene juramento ante o glorioso Pavilhão Nacional, pelo qual estes rapazes brasileiros, dedicam-se inteiramente ao Serviço da Pátria. Aqui tem hoje o Brasil mais Cinquenta e Sete jovens aptos para quaisquer eventualidades, os quais se comprometem incorporar-se ao Batalhão que lhes for designado. Aqui estão ante vossos olhos, estes patriotas, que atravessarão a quadra calamitosa da vida, como homens de caráter, como homens de bem, de que tanto o país necessita.

Senhores, é incomparável a beleza de nossos campos, as riquezas inúmeras de nosso solo, a majestade de nossos rios e céu, onde cintila o Cruzeiro do Sul. O território brasileiro alarga-se vastíssimo pela altiva América, portanto, grande deve ser a energia de seus filhos na defesa de sua integridade e soberania. Todo o país necessita para crescer de população, de adquirir bens e mais de tudo dessa mocidade que tenha compreensão dos seus deveres, e duma escola que lhes ensine fazer a pátria grande. É necessário, pois, que a mocidade saiba que ser cidadão é ser patriota, nobre, generoso e altruísta, de tudo quanto lhe é caro, e que tendo a Pátria soldados possa contar com eles quando necessitar.

Um exemplo proeminente, do que pode fazer um povo, é a velha Grécia, onde tanto floresceram as letras e as artes.

Roma, a cidade eterna, de onde se hauriram tantos e tão elevados ideais, é um atestado precioso do sentimento patriótico sobre a formação nacional. E vendo nós esses modelos sob todo e qualquer ponto de vista, que haveremos de fazer senão imitá-los?

RIO DO SUL, este florescente recanto barriga-verde, cumpriu este dever de patriota, preparando sabiamente seus filhos, e colaborando, assim, com os demais municípios, para que o Brasil adquira um exército temível e audaz, e honre assim o seu nome no estrangeiro e isto tendo em vista que: “Um exército forte é a melhor garantia em tempo de paz” — triste lema mas o tempo exige.

Mocidade, em cujas veias corre o sangue patriótico de bravos soldados da pátria! Juraste hoje à Bandeira, dedicando-vos ao seu



O autor destas notas José E. Finardi aprovado como Reservista, em 28 de janeiro de 1933.

serviço! E sabeis o que é a Bandeira? Bandeira é o símbolo da nação, é por sua natureza a própria Pátria. É o Pavilhão Nacional que, levado através dos mares e sertões, vai tranquilo e majestoso observar do alto as refregas, a morte e a vitória de seus filhos. A Bandeira Brasileira, cuja conjugação de suas cores, parece indicar tudo quanto há de nobre, grandioso e belo no nosso território. O tremular do "verde, azul e amarelo" das vinte e duas estrelas e o lema "Ordem e Progresso" representam as nossas matas, o nosso imenso Céu Azul, o nosso ouro, os nossos Estados, o nosso fim e o nosso sublime ideal.

Amemos e respeitemos cada vez mais a nossa Bandeira querida, e quando passarmos diante dela, saudêmo-la e digamos de dentro do nosso coração: Eu te saúdo, símbolo adorado, que cobre esta terra encantadora! Eu te saúdo, tu que tremulaste na Guerra do Paraguai, entre a bravura de teus filhos! Eu te saúdo, Lábaro Sagrado, tu que presenciaste a épica retirada da Laguna! Eu te saúdo, pendão sacrossanto, tu que ouviste o grito da Liberdade nas margens do Ipiranga! Eu te saúdo, querida Bandeira do Brasil!

CAMARADAS que jurastes comigo, fidelidade e amor ao Pavilhão Nacional, se algum dia o nosso Brasil for atacado por outra nação e necessitar de nosso auxílio, oxalá saia do âmago de nosso coração, o ardente desejo de oferecer-lhe todo o nosso sangue, se assim preciso for, para salvar a sua dignidade e honra.

Lá no campo da batalha, entre o denso ribombar insonoro dos canhões e o tiroteio das metralhadoras e dos fuzis, calmos e inalteráveis, marchemos contra o inimigo. Com as bandeiras desfraldadas ao vento, ao toque vibrante dos clarins e ao ruflar incessante dos tambores, avancemos contra as linhas inimigas, com os olhos em brasa atirando contra as nossas defesas, sem nada recuar, avante e sempre avante.

Se acaso nos levem a enfrentar as hostes contrárias na última fase do combate, que é a luta corpo a corpo, e se depararmos com o inimigo "em guarda", esperando-nos acirrados com suas baionetas nuas reluzindo ao sol, outros com seus sabres coalhados de sangue brasileiro, com uma coragem inaudita, com um denodo inexcedível, não recuemos um passo sequer e salvemos assim a dignidade da Pátria.

E se uma bala vier prostrar um de nós por terra, não nos perturbemos, ao contrário, olhando para o imenso céu brasileiro, para a nossa Bandeira triunfante e para os patricios que estiverem ao nosso lado, digamos, consoante o poeta:

Brasil! Colosso feito das grandezas
De todas as grandezas do Universo!
Natureza, que soma Naturezas! . . .
Grande demais para caber em versos!
Brasil! Pátria de heróis onde nasci,
O mundo abisma os olhos em ti . . .

E quando os nossos lábios estiverem prestes a cerrarem-se para

sempre, relembremos os feitos dos heróis Brasileiros, e dando o derradeiro adeus à nossa família, parentes e amigos, digamos na linguagem e dentro do coração:

“CUMPRI O MEU DEVER”
VIVA O BRASIL

CAMARADAS, ao nosso querido Brasil, três hurras!
Hurra... Hurra... Hurra...

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA

Recebemos o seguinte:

“Of. N.º. 42/84 Florianópolis, 22 de agosto de 1984

Ilmo. Sr.

José Gonçalves

Diretor Executivo da Fundação

Casa Dr. Blumenau

Caixa Postal, 425

Blumenau — SC

Senhor Diretor:

Pelo presente comunicamos a V. S. que, em reunião deste Instituto realizada a 10 do corrente, foi aprovado um voto de solidariedade para com essa Fundação tendo em vista a violenta enchente que atingiu essa cidade colocando em risco o inestimável acervo dessa instituição.

Na mesma oportunidade foi deliberado que este Instituto oferece a sua modesta colaboração colocando a disposição de V. S. publicações que possuímos em duplicata e que, por ventura, possam interessar na recomposição de sua biblioteca.

Na oportunidade colocamo-nos à disposição para outra colaboração que estiver ao nosso alcance.

Atenciosamente

Jali Meirinho
Secretário

Aconteceu...

OUTUBRO DE 1984

— DIA 4 — Em solenidade que contou com a presença do prefeito Dalto dos Reis, foi reativado o funcionamento do Gabinete Odontológico nas dependências do Centro Social de Fortaleza e que havia sido duramente danificado com a enchente de julho do ano passado. Com recursos obtidos através da Comunidade Coreano-Brasileira, a prefeitura pôde restabelecer o gabinete, que passou a atender novamente cerca de 3 mil pessoas residentes naquele bairro.

— DIA 9 — Promovido pela Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social, foi aberta, no andar térreo da antiga prefeitura, a Primeira Exposição de Trabalhos de Crianças das Creches dos Centros Sociais

de Blumenau. A mostra, que encerrou-se dia 15, teve mais de 100 trabalhos em diversas técnicas, feitos por crianças na faixa etária de 2 a 6 anos e alcançou pleno sucesso.

— DIA 10 — No Hotel Plaza Hering, realizou-se uma Mesa Redonda para debater a Saúde da Criança, tendo na ocasião o médico Fernando Vianna, a convite do médico Aníbal Nascimento, chefe do Centro de Saúde, proferido palestra abordando assuntos da área de pediatria, com especial ênfase para a importância da prevenção da cárie dentária. Disse o palestrante, num trecho de suas observações que o índice de mortalidade infantil em Blumenau é um dos menores do Brasil e que “pode ser comparado ao dos países mais desenvolvidos do mundo”.

— DIA 10 — Cerca de duas mil crianças comemoraram, neste dia, na Praça Hercílio Luz, numa impressionante concentração, o Dia da Criança em Blumenau — promoção “Crianças na Praça” — promovida pela Prefeitura Municipal através da Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social.

— DIA 15 — Relatório entregue ao Prefeito Dalto dos Reis, pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”, mostrou que, no mês de setembro, um total de 331 livros foram doados à Biblioteca e esta fez mais trinta e uma novas inscrições de leitores, tendo adquirido ainda 16 novos livros. Foi registrado naquele mês um total de 169 empréstimos e 570 consultas. A biblioteca Ambulante registrou 83 inscrições e 992 pessoas entraram em contato com a referida biblioteca ambulante. Para alcançar este movimento, foram feitas dez visitas a 5 localidades (bairros).

— DIA 16 — O relatório da Secretaria de Agricultura do município, entregue ao prefeito Dalto dos Reis, relativo ao mês de setembro, destaca a atuação da equipe de veterinários no combate ao surto de raiva que ameaçou os rebanhos da região, quando foram vacinados mais de 2.500 bovinos.

Visando melhorar a produtividade agrícola, foram distribuídos 840 feixes de ramas de aipim trazidas do município de Barra Velha a 140 proprietários rurais de Blumenau. No mesmo mês, os micro-tratores da SEAGRI prestaram serviços a 268 propriedades rurais, somando 1.120 horas trabalhadas. Os tratores esteiras atuaram em 9 propriedades, totalizando 146 horas de trabalho. No Horto Florestal foram distribuídas 13.031 mudas de árvores de diversas espécies. Na Semana Anual das Árvores foram ofertadas ainda 2.550 mudas de árvores à população. A granja São Simeão doou 2.973 quilos de verduras, 1.029 dúzias de ovos e 60 quilos de bananas para creches, escolas e entidades diversas de Blumenau. Na área animal, o posto de suinocultura produziu e vendeu um total de 19 leitões que totalizaram 319 quilos. O Serviço de Inseminação Artificial aplicou 117 ampolas de sêmen das raças Jersey, Holandesa, Giro e Nelore.

— DIA 17 — As prefeituras de Blumenau e Campinas assinaram protocolo de intercâmbio cultural que visa promover a apresentação de trabalhos de artistas plásticos, fotógrafos e artesãos de uma cidade em outra. O prefeito Dalto dos Reis informou que o projeto começa a ser executado a partir de novembro, quando a Prefeitura de Blumenau será representada na Feira das Feiras, promovida pela Secretaria de Cultura e Turismo de Campinas.

— Dia 18 — Em regosijo pela passagem dos 35 anos de fundação da República Democrática Alemã, país berço do Dr. Blumenau, e de Fritz Müller, personalidades marcantes na colonização de Blumenau, a Sociedade Cultural Nova Pátria "Neue Heimat", de Berlim, capital da RDA, enviou ao prefeito Dalto dos Reis diversos filmes culturais, os quais foram exibidos neste dia, no auditório da antiga prefeitura. Os filmes exibidos foram: "Meissen de Hoje", mostrando a fabricação de porcelana na mundialmente famosa cidade de Meissen. "Museu Alemão de Higiene" e "Uma Casa para Crianças", mostrando um centro de lazer, de esporte, de arte e de aprendizagem para crianças na faixa de 8 a 12 anos de idade. Os filmes causaram a mais grata impressão aos que assistiram.

— DIA 18 — O prefeito Dalto dos Reis inaugurou, às 11 horas da manhã, na Escola Básica Vidal Ramos, no bairro Vorstadt, a Sala de Alemão denominada de "Hans Prayon". A sala especial, com capacidade para 35 alunos, é equipada com gravador, projetor e uma pequena biblioteca com livros infantis, em idioma alemão.

— DIA 19 — Em concorrida solenidade, foi lançado, em Brusque, nas dependências da agência da Caixa Econômica Federal, o livro da historiadora Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, "A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro", assim como a exposição "10 Artistas na Caixa", com a participação de diversos artistas plásticos. O acontecimento foi muito festivo e sucesso absoluto.

— DIA 22 — Relatório divulgado pela Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social, informa que somente o Serviço de Odontologia Sanitária daquela Secretaria está aplicando mensalmente cerca de 5 milhões de cruzeiros em reposição e aquisição de material odontológico. Acrescentou que a determinação do prefeito Dalto dos Reis de ampliar e melhorar a rede de consultórios odontológicos do município vem sendo cumprida rigorosamente. Consta ainda do relatório que no mês de setembro foram atendidas 2.009 pessoas, com restaurações, extrações e extrações, gratuitamente. Com isto, somam-se 12.688 atendimentos este ano até setembro.

— DIA 22 — O Governo do Estado fez entrega ao Secretário de Educação de Blumenau, prof. Carlos Piseta, a soma de vinte e sete milhões e quatrocentos mil cruzeiros, recursos estes reivindicados pe-

lo município, ao Estado, em agosto do ano passado, para a reconstrução das escolas atingidas pelas enchentes.

— DIA 27 — A representação atlética de Blumenau, conquista, mais uma vez, o título de campeã dos Jogos Abertos de Santa Catarina, com a XIV competição realizada na cidade de Concórdia, no oeste catarinense.

— DIA 30 — Na Escola Básica Municipal "Henrique Alfarth", os alunos daquele educandário receberam carinhosamente a atleta Shirley Kobuszewski, professora de educação física daquela escola e que foi a grande campeã dos XIV Jogos Abertos, ao integrar a equipe de revesamento quatro por cem. Ela foi saudada com muitos abraços, beijos e flores e com muito merecimento.

— DIA 28 — Neste dia foi comemorado o Dia do Funcionário Público. Os funcionários municipais de Blumenau participaram de vasta programação, inclusive um grande baile. Na eleição da nova diretoria, foi eleito o sr. Vilarino Wolff, presidente da ASPMB, tendo como vice o sr. Luiz Carlos Rocha.

— DIA 30 — No auditório da FURB, realizou-se a apresentação do "Grupo Arte Surya", com a "Viagem ao Mundo de Melodias Inesquecíveis", com temas musicais das mais aplaudidas operetas mundialmente conhecidas.

— DIA 31 — Uma delegação japonesa de mais de 20 pessoas, tendo à frente o governador da província de Aonori, Masaya Kitamura, esteve na Prefeitura de Blumenau em visita ao prefeito Dalto dos Reis, ao qual repassaram um cheque de 200 mil yenes — Cr\$ 3 milhões, para auxílio na reconstrução do município.

— DIA 30 — Foi aberta, em concorrida e belíssima cerimônia oficial-cívica, a III Olimpíada Sesiana, que teve por local o Complexo Esportivo do SESI, à rua Itajaí.

NOVEMBRO DE 1984

— DIA 5 — O prefeito Dalto dos Reis lançou uma campanha de prevenção contra as chamadas doenças de verão, tendo mobilizado técnicos do SAMAE e da Secretaria Municipal de Saúde no sentido de que alertem a população para os cuidados que devem ser tomados e o procedimento correto para evitar essas moléstias.

— DIA 5 — No Terminal Rodoviário "Hercílio Deeke", foi inaugurada uma exposição de impressos e fotografias da cidade de Weimar — República Democrática Alemã — em homenagem ao 35º aniversário daquele país, berço dos ilustres imigrantes Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, Fritz Müller e outros, que muito fizeram pela colonização da região do Vale do Itajaí.

— DIA 5 — Neste dia foi levado ao ar, pela Rede Globo de Televisão, para todo o Brasil, o programa "Caso Verdade", em 5 capítulos, versando sobre o drama das enchentes de Blumenau e sob o título "Blumenau Tudo Azul".

— DIA 6 — Segundo relatório apresentado pela direção, trinta e duas mil pessoas passaram pelo Terminal Rodoviário "Hercílio Deek" por ocasião do feriadão de Finados.

— DIA 6 — Segundo foi noticiado neste dia, a peça infantil "O Menino e o Palhaço", encenada pelo Grupo Vira Lata, de Blumenau, foi indicada pela comissão de seleção da 1ª. Mostra Regional de Teatro, para representar a Região do Vale do Itajaí na 17ª. Mostra Catarinense de Teatro Amador, em Lages.

— DIA 7 — Neste dia, o Museu Nacional de Belas Artes promoveu a solenidade de inauguração da SALA CARLOS OSWALD, às 12 horas, com a realização de exposição de gravuras de autores brasileiros e autores estrangeiros, estes procedentes dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e Países Baixos. Agradecemos o convite com que fomos honrados.

— DIA 8 — No Palácio da Justiça de Curitiba, 10º. andar, Centro Cívico, realizou-se a solenidade do lançamento do III volume do livro "Professor Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo e Sua Obra", promovida pela Academia Paranaense de Letras, Academia de Letras "José de Alencar", Centro de Letras do Paraná, Editora Lítero-Técnica, Associação dos Magistrados e Poder Judiciário do Paraná. Agradecemos o convite.

— No SESI — Complexo da Rua Itajaí — Aconteceu a grande festa de abertura dos XI Jogos Estudantis da Primavera, promovido pela Prefeitura de Blumenau e 4ª. UCRE.

— DIA 15 — No Teatro Carlos Gomes, o prefeito Dalto dos Reis proferiu palestra na abertura do Primeiro Simpósio Nacional de Integração, Administração Hospitalar e Saúde Pública. Do Simpósio participaram renomados profissionais da área de saúde do país.

— DIA 17 — A população do Bairro da Velha foi surpreendida emocionalmente com o assassinato, ocorrido na Rua dos Cacadores, dos noivos Davi Fernandes, de 19 anos, e Rosália Teodoro. Foi um dos mais brutais assassinatos ocorridos nos últimos tempos em Blumenau.

— DIA 20 — Relatório apresentado pela SESEBES — através do Serviço de Odontologia Sanitária de Blumenau, referente ao mês de outubro, aponta que foram atendidas 2.806 pessoas nos 18 consultórios dentários mantidos pela municipalidade nos diversos centros sociais disseminados pelos bairros.

— DIA 23 — No Auditório do Centro Integrado de Cultura, de Florianópolis, realizou-se a sessão especial de entrega dos títulos de Sócios Eméritos, Efetivos e Correspondentes admitidos em 1984, totalizando 19 figuras das mais conceituadas, entre elas o Prof. Walter Fernando Piazza e a escritora e historiadora Beatriz Pellizzetti Lolla. Agradecemos o convite recebido.

— DIA 23 — No saguão do Mausoléu Dr. Blumenau foi aberta a magnífica exposição de Orquídeas de 1984, promovida pelo Circulo de Orquidófilos de Blumenau, com o apoio da Prefeitura Municipal. A exposição contou com a presença de 1.200 unidades, divididas em 40 espécies raras e belíssimas. Participaram da mostra cerca de 70 expositores de Blumenau, incluindo-se ainda representantes de Joinville, Itajaí, Brusque e Florianópolis.

— DIA 26 — Em Florianópolis, onde residia, faleceu de uma insuficiência cardíaca, o conhecido homem público ex-prefeito de Blumenau Alfredo Campos, figura vastamente conhecida e estimada nos diversos círculos sociais de Blumenau e do Estado. Seu sepultamento deu-se no dia seguinte, em Florianópolis, com grande acompanhamento.

— DIA 26 — No Salão Nobre da Prefeitura de Blumenau, foi realizada a solenidade de instalação provisória do Governo do Estado, cujo titular, Dr. Eperidião Amin Helou Filho, com todo o seu secretariado, ali despachou durante dois dias, prodigalizando aos diversos segmentos da vida econômica e cultural de Blumenau, inúmeros benefícios com a assinatura, na ocasião de diversos convênios com o município, de importantes obras a serem desenvolvidas em conjunto com a municipalidade blumenauense. A imprensa divulgou o fato, com manchetes entre as quais afirmou: "Amin e Dalto ficam acima dos partidos". Os recursos liberados pelo Governo do Estado e destinados a Blumenau, foram da ordem de 1.777 (um bilhão e setecentos e setenta e sete milhões de cruzeiros), incluindo-se ainda recursos para as diversas entidades culturais, sociais e esportivas, para reconstrução, por terem sido duramente atingidas pelas enchentes de 1983.

— DIA 27 — Após longa enfermidade que o prostrou no leito, faleceu, às 20,30 horas, o sr. Ricardo Althoff. Ele, que possuía 55 anos de idade, exerceu durante muitos anos, as funções de distribuidor do Fórum da Comarca de Blumenau, além de escrivão eleitoral, cargos que desenvolveu sempre com o maior critério e dedicação, razão pela qual desfrutava de invejável estima e admiração nos círculos sociais e políticos de Blumenau. Seu sepultamento deu-se na tarde do dia seguinte, com grande acompanhamento, no cemitério da Rua Bahia. Ricardo Althoff, que era filho de Reinhold Althoff, deixa viúva dona Vilda Althoff, três filhos e um neto.

— DIA 30 — Na Galeria Municipal de Arte "Curt Schroeder", em Rio do Sul, realizou-se a abertura da Exposição Individual de Pin-

turas do artista plástico Friedrich Wilhelm Jahnke e ao mesmo tempo o lançamento do livro histórico e geográfico do prof. Alfredo Emanuel Cardoso. Agradecemos o convite que recebemos.

Conselho Curador da Fundação "Casa Dr Blumenau" realizou a última reunião do corrente ano

Com a presença da maioria dos srs. Conselheiros, o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau" realizou, dia 16 de novembro, a última reunião regulamentar do ano de 1984, cujos trabalhos foram dirigidos pelo presidente efetivo, Dr. Afonso Rabe.

Durante esta reunião, foi apresentado, pelo diretor executivo jornalista José Gonçalves, o relatório das atividades administrativas do corrente ano, assim como foi aprovada a proposta orçamentária para 1985.

Na oportunidade também foi aprovado o projeto definitivo do prédio a ser construído para abrigar a Biblioteca no nível de 16 metros sobre o rio Itajaí e o Arquivo Histórico, no andar superior, no nível de 20 metros sobre o mesmo rio, para fugir-se de uma vez por todas das ameaças de enchentes sobre estes dois setores dos mais importantes da instituição. Ao mesmo tempo, por unanimidade e por proposta do sr. presidente, foi determinado ao diretor executivo que tomasse as providências necessárias para o início das obras de construção do prédio de dois pavimentos que abrigará a Biblioteca e o Arquivo e que deverá estar concluído no segundo semestre de 1985.

Ainda como ponto final da reunião, o Conselho Curador ratificou a indicação dos membros da Comissão de Construção, e cujos nomes são os seguintes: Pelo Conselho Curador, sr. Nestor Seara Heusi; pela Albany, Ind. e Com. Ltda., sr. Ross Parkinson; pela firma Lindner, Herwig Shimizu, autor do projeto; sr. Henrique Herwig; pela Tabacos Brasileiros, sr. Ailton Darugna; pela Prefeitura, o eng^o. Paulo França, Secretário de Obras e Serviços Urbanos e mais um representante da Souza Cruz, a ser designado.

Esta Comissão deverá reunir-se e eleger um presidente, o qual será o supervisor de todos os passos que serão dados na construção do prédio, assinando documentos financeiros e determinando relatórios sobre a aplicação dos recursos que advirão da colaboração de diversas instituições empresariais para a conclusão da obra.

FIM DE ANO RENOVAM-SE ESPERANÇAS

Caros amigos leitores de "Blumenau em Cadernos"!

Chegamos a mais um fim de ano e, com ele, a despedida de muitas desagradáveis lembranças vinculadas a inúmeras atribulações que passamos, face a outra grande enchente que, mais uma vez, invadiu tocas as nossas casas e que quase repete a grande destruição de 1983. É, por outro lado, este fim de ano, o momento de renovarmos as nossas esperanças num novo ano cheio de realizações que compense o que tivemos de prejuízos em 1984. Todavia, não se pode dizer que 1984 tenha sido um ano só de maus acontecimentos. Para os que vivem, neste fim de ano, para os que gozam de boa saúde a esperança, portanto, de viver ainda muitos anos, todos os anos são bons. Por isso que, sinceramente, se nossa instituição sofreu muito com as enchentes e temporais em 1984, pessoalmente, todos os que mourejam nesta instituição, seja na Biblioteca, no Museu, no Arquivo Histórico, na Gráfica ou no Parque Botânico, enfim, em toda a Fundação "Casa Dr. Blumenau", foram felizes em 1984 porque aqui estão todos gozando de boa saúde, portanto de pé e vivos, graças a Deus.

Nestas condições é bom desejarmos que o ano de 1985 apenas não seja pior do que o de 1984. Se for igual, exceptuando-se as enchentes, no mais será um ano agradável.

Estamos às vésperas, também, de concretizarmos um velho e acalentado sonho: construir o prédio que abrigará a Biblioteca e o Arquivo Histórico. E numa situação que não permite mais temor quanto a enchente. Isto porque a Biblioteca ficará num nível de 16 metros sobre o rio e o Arquivo a 20 metros sobre o mesmo.

Esta obra, que deverá ser construída pela união de esforços de diversas instituições empresariais blumenauenses, será o grande marco a distinguir duas épocas nesta instituição cultural e histórica de nossa cidade: a da enchente com a ameaça e a da pós-enchente sem temor das águas e, portanto, a garantia de que as águas jamais voltarão a nos atingir no que temos aqui de mais precioso na preservação da nossa história e da cultura: Arquivo Histórico Público e Biblioteca Pública, ambos a serviço, inteiramente, do povo.

Quem desejar auxiliar nesta obra, fazendo doação financeira, que o faça, porque a causa é muito nobre. Aqui ficaremos no aguardo da boa vontade de quem possa nos ajudar a erguer este templo que preservará o nosso tesouro histórico.

Na esperança de que haveremos de contar sempre com o apoio de todos, aqui deixamos a mensagem de boas festas de Natal e um felicíssimo 1985!

A Direção.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA